

ORLANDO ARTUR DA COSTA – CAP QOBM

**A ATIVIDADE DE GUARDA-VIDAS E A OPERAÇÃO VERÃO NO
LITORAL PARANAENSE**

**Monografia apresentada ao
Departamento de Contabilidade do
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da
Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Planejamento e Controle
em Segurança Pública.**

**Orientador Metodológico: Prof. Dr.
Márcio Sérgio B. S. de Oliveira**

**Orientador de Conteúdo: Coronel Almir
Porcides Júnior**

CURITIBA

2004

TERMO DE APROVAÇÃO

ORLANDO ARTUR DA COSTA – CAP QOPM

A ATIVIDADE DO GUARDA-VIDAS E A OPERAÇÃO VERÃO NO LITORAL PARANAENSE

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de especialista em planejamento e controle da segurança pública, setor de ciências sociais aplicadas do departamento de contabilidade, da universidade federal do paraná, pela seguinte banca examinadora:

JORGE LUIZ THAIS MARTINS, TEN CEL QOBM
Avaliador de Conteúdo

PROF. DR. MARCIO S. B. S. DE OLIVEIRA – UFPR
Avaliador Metodológico

DANIEL CESAR MAINGU , CEL PM RR
Avaliador de Reda o

CURITIBA, 10 de Dezembro de 2004

DEDICATÓRIA

À minha esposa Cláudia que com amor e carinho sempre esteve ao meu lado, ajudando-me e compreendendo a constante ausência durante o curso. À minha filha Georgia, que em decorrência do curso, dela permaneci ausente e sempre fui compreendido.

A Deus e a meus pais, Orlando e Elise, que com seus exemplos me conduziram e continuam me conduzindo em minha vida, e aos meus familiares que sempre se mostraram ao meu lado em todos os momentos dessa minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Dedico meus primeiros agradecimentos aos amigos e companheiros com os quais convivi e aprendi durante esses meus vinte anos de serviço na corporação. Com eles tive a oportunidade de aprender e conviver nos vários segmentos do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, passando por momentos de alegria e crescimento profissional, principalmente quando juntos pudemos somar esforços para ajudar o próximo e o mais gratificante de tudo, quando Deus nos permitiu salvar vidas que estavam em perigo. A esses companheiros que também souberam dividir as tristezas decorrentes da nossa profissão quando nos momentos de perda amigos, que em muito contribuíram para o nosso crescimento e que hoje deixam saudades. Quero aqui também, dedicar este trabalho ao meu companheiro de turma e amigo Cap QOBM Ricardo Silva, que sempre foi um ponto de apoio nas dificuldades durante o curso. Agradeço também, ao Professor Doutor Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira que soube orientar a todos os Oficiais Alunos com humildade e grandeza de espírito, dosando na medida certa e com a devida compreensão as atividades curriculares e proporcionando um norte para o trabalho monográfico realizado. Ao orientador de conteúdo, Sr. Coronel Almir Porcides Júnior, que com o seu profissionalismo característico e amante das atividades de salvamento aquático, sempre esteve a disposição para nos auxiliar. A todos os Oficiais e Praças que contribuíram com suas idéias e experiência e ajudaram a realização da pesquisa de campo do trabalho monográfico, com o objetivo maior de melhorar o nosso Corpo de Bombeiros da PMPR.

EPIGRAFE

“A melhor maneira de nos prepararmos para o futuro, é de concentrar toda a nossa imaginação e entusiasmo na perfeita execução do trabalho de hoje”.

(Anônimo)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE GRÁFICOS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
1 INTRODUÇÃO	1
2 HISTÓRICO DA ATIVIDADE DE GUARDA-VIDAS NO PARANÁ	4
2.1 HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA	4
2.2 HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS	5
2.3 HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO MUNICÍPIO DE PONTAL DO PARANÁ	7
3 OPERAÇÃO VERÃO NA ATUALIDADE	8
3.1 EFETIVO EMPENHADO	8
3.2 EMBARCAÇÕES EMPREGADAS	8
3.3 VIATURAS OPERACIONAIS E ADMINISTRATIVAS	9
3.4 NÚMERO DE POSTOS ATIVADOS DURANTE A OP. 2003/04.....	10
3.5 RECURSOS FINANCEIROS DESTINADOS À OPERAÇÃO	11
4 OBJETIVOS	12
4.1 OBJETIVO GERAL	12
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
5 CONHECENDO A ATIVIDADE DO GUARDA-VIDAS	13
5.1. FENÔMENOS MARÍTIMOS.....	13
5.1.1 Mar.....	13
5.1.1.2 Correntes Marinhas.....	17
5.1.1.3 Correntes de impulsão	17
5.1.1.4 Correntes de descarga.....	18
5.1.1.5 Correntes de compensação	18
5.1.1.6 Correntes marinhas locais.....	19
5.1.1.7 Buracos e Correntes.....	19
5.1.1.8 Correntes paralelas	19
5.1.1.9 Correntes transversais.....	19
5.1.2.0 Buracos ou alagamares	19
5.1.2.1 Arrebentação.....	20
5.1.2.2 Valas e Valões	20
5.1.3 Praias	21
5.1.3.1 Praia Rasa ou Dissipativa	21
5.1.3.2 Praia de Tombo.....	21
5.1.3.3 Praia Intermediária	22
5.1.4 Ondas	22
5.1.4.1 Crista.....	23
5.1.4.2 Ventre	23
5.1.4.3 Período.....	23

5.1.5	Vagalhões	24
5.1.6	Marulhos	24
5.1.7	Turbilhão	24
5.1.8	Zona de águas profundas	24
5.1.9	Obstáculos	25
6	ATIVIDADES DESEMPENHADAS PARA A PROTEÇÃO	
	BALNEÁRIA	26
6.1	SALVAMENTO AQUÁTICO.....	26
6.1.1	Fases do Salvamento	27
6.1.1.2	Aviso ou Observação.....	27
6.1.1.3	Deslocamento e Aproximação.....	27
6.1.1.4	Abordagem	28
6.2	JUDÔ AQUÁTICO	29
6.2.1	Vítima Agarra no Cabelo.....	29
6.2.2	Vítima Agarra no Pescoço.....	30
6.2.3	Vítima Abraça por Cima dos Braços.....	30
6.2.4	Vítima Abraça por Baixo dos Braços.....	31
6.3	REBOQUE	32
6.3.1	Reboque com Emprego de Nadadeiras.....	32
6.3.1.1	Reboque pelo Tórax da Vítima.....	32
6.3.1.2	Reboque <i>Over Arm</i>	33
6.3.1.3	Reboque pelo Queixo	34
6.3.1.4	Reboque pela Axila e Queixo.....	34
6.3.1.5	Reboque pelos Cabelos.....	35
6.3.1.6	Reboque pelo Pulso	36
6.3.1.7	Reboque pela Roupa ou Colarinho.....	36
6.3.2	Reboque sem o Emprego de Equipamentos.....	37
6.3.2.1	Reboque Modificado	37
6.4	TRANSPORTE	38
6.5	REANIMAÇÃO	38
7	EQUIPAMENTOS INDIVIDUAIS DE SALVAMENTO AQUÁTICO...40	
7.1	NADADEIRAS	40
7.2	CINTO DE SALVAMENTO AQUÁTICO	41
7.3	APITO	41
8	METODOLOGIA EMPREGADA	43
8.1	DADOS CLASSIFICATÓRIOS DA AMOSTRA.....	45
9	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....47	
10	CONCLUSÃO.....64	
11	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXO.....		68

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	INFLUÊNCIA DO SOL E DA LUA NAS MARÉS	15
FIGURA 2 –	VÍTIMA AGARRA NO CABELO.....	29
FIGURA 3 –	VÍTIMA AGARRA NO PESCOÇO.....	30
FIGURA 4 –	VÍTIMA AGARRA POR CIMA DOS BRAÇOS	31
FIGURA 5 –	VÍTIMA AGARRA POR BAIXO DOS BRAÇOS	31
FIGURA 6 –	REBOQUE PELO TÓRAX.	33
FIGURA 7 –	REBOQUE PELO TÓRAX.	34
FIGURA 8 –	REBOQUE PELO QUEIXO.....	34
FIGURA 9 –	REBOQUE PELO PELA AXILA E QUEIXO.....	35
FIGURA 10 –	REBOQUE PELOS CABELOS.....	35
FIGURA 11 –	REBOQUE PELO PULSO.	36
FIGURA 12 –	REBOQUE MODIFICADO.....	37
FIGURA 13 –	TRANSPORTE DE VÍTIMAS	38
FIGURA 14 –	PORTE E CONDUÇÃO DAS NADADEIRAS	41

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 –	NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES - QUANTIDADE	46
GRÁFICO 2 –	NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES - PERCENTUAL.....	46
GRÁFICO 3 –	EQUIPAMENTOS OPERACIONAIS – PERCENTUAL	47
GRÁFICO 4 –	UNIFORME.....	48
GRÁFICO 5 –	INSTRUÇÃO OPERACIONAL.....	49
GRÁFICO 6 –	INSTRUÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, PERCENTUAL	50
GRÁFICO 7 –	PROCESSO DE DISTRIBUIÇÃO DE GUARDA-VIDAS NOS POSTOS MAIS DISTANTES, PORCENTAGEM.....	51
GRÁFICO 8 –	ESCALA EM TURNOS DE 7 HORAS DIÁRIAS, PERCENTUAL	52
GRÁFICO 9 –	ALOJAMENTOS, PERCENTUAL	53
GRÁFICO 10 –	REFEITÓRIOS, PERCENTUAL	54
GRÁFICO 11 –	ALIMENTAÇÃO, PERCENTUAL	55
GRÁFICO 12 –	INSTALAÇÕES SANITÁRIAS, PERCENTUAL	56
GRÁFICO 13 –	TRANSPORTE, PERCENTUAL.....	57
GRÁFICO 14 –	USO DA MOTO AQUÁTICA – APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL.....	58
GRÁFICO 15 –	QUADRICÍCULO COMO APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL.....	59
GRÁFICO 16 –	EMBARCAÇÕES COMO APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL.....	60
GRÁFICO 17 –	HELICÓPTERO COMO APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL	61
GRÁFICO 18 –	OUTRO EQUIPAMENTO COMO APOIO OPERACIONAL, PORCENTAGEM.....	62
GRÁFICO 19 –	AÇÕES PARA MELHORIA NA OPERAÇÃO VERÃO.....	63

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	IDADE DA AMOSTRA	45
TABELA 2 –	NUMERO DE PARTICIPAÇÕES	45
TABELA 3 –	EQUIPAMENTOS OPERACIONAIS.....	47
TABELA 4 –	UNIFORME	48
TABELA 5 –	INSTRUÇÃO OPERACIONAL	49
TABELA 6 –	INSTRUÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	50
TABELA 7 –	PROCESSO DE DISTRIBUIÇÃO DE GUARDA-VIDAS NOS POSTOS MAIS DISTANTES	51
TABELA 8 –	ESCALA EM TURNOS DE 7 HORAS DIÁRIAS	52
TABELA 9 –	ALOJAMENTOS	53
TABELA 10 –	REFEITÓRIOS.....	54
TABELA 11 –	ALIMENTAÇÃO.....	55
TABELA 12 –	INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	56
TABELA 13 –	TRANSPORTE	57
TABELA 14 –	MOTO AQUÁTICA COMO APOIO OPERACIONAL.....	58
TABELA 15 –	QUADRICÍCULO COMO APOIO OPERACIONAL	59
TABELA 16 –	EMBARCAÇÕES COMO APOIO OPERACIONAL	60
TABELA 17 –	HELICÓPTERO COMO APOIO OPERACIONAL	61
TABELA 18 –	OUTROS EQUIPAMENTOS COMO APOIO OPERACIONAL	62

RESUMO

A proposta do estudo foi a de verificar, mediante a ótica do profissional bombeiro-militar, que exerce a função de Guarda-vidas, a constatação científica da ocorrência de fatores avessos ao desempenho das missões inerentes ao seu trabalho, visando em seu final, indicar aos profissionais de planejamento as áreas de maior incidência desses problemas. Definiu-se mediante o uso de questionário dirigido à constatação de fatores operacionais e administrativos, que contribuem para o desempenho da missão durante o curso das operações verão. A população da referida pesquisa de campo foi de uma amostra de 69 (sessenta e nove) guarda-vidas, pertencentes ao 1º, 6º e CCB, com média de idade de 35,18 anos e em sua maioria com mais de 04 (quatro) participações nesse tipo de operação. No campo operacional, constatou-se que um dos maiores problemas enfrentados para o bom desempenho operacional dessa atividade, reside no fato dos mesmos considerarem a escala de serviço em turnos de 7 horas um incômodo (cerca de 40% dos bombeiros-militares entrevistados). Tal fato pode ser explicado em razão de que atualmente, os bombeiros-militares que desempenham a atividade em nosso litoral, encontram-se em uma idade cronológica avançada e conseqüentemente com suas capacidades físicas limitadas para o desempenho dessa missão, já que 72,81%, cerca de 557 (quinhentos e cinquenta e sete) de um total de 765 (setecentos e sessenta e cinco) bombeiros-militares encontrarem-se entre a faixa etária de 33 a 45 anos. Bons resultados foram encontrados em relação a fatores de ordem administrativa, já que nenhum dos fatores apresentados, recebeu significativa importância na pesquisa. Constatou-se, ainda, que em relação a apoio prestado por equipamentos de natureza especial, as embarcações de uso imediato, como botes e lanchas, bem como o apoio prestado por aeronave (helicóptero), ocupa posição de destaque entre outros meios tais como o uso de motoaquática e de quadriciclos. Em questões abertas, ficou evidente ser o fator “ajuda de custo” destinada a custear despesas diárias, o fator de maior significância, acompanhada ainda, pelo fator de instalações físicas de alguns quartelamentos.

PALAVRAS-CHAVES: Guarda-vidas, Operação Verão, Bombeiros-militares.

1 INTRODUÇÃO

O Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, dentre suas missões constitucional e infraconstitucional, de maneira articulada, atua durante o período de veraneio no Estado do Paraná, integrado à Operação Verão, utilizando grande parte de seu efetivo nos serviços de prevenção e salvamento aquático, ou seja, na proteção balneária através de Bombeiros-Militares, Guarda-Vidas.

Nesse entendimento, e devido ao grau de especialização exigido para a atividade de proteção balneária planejada e executada pelo Corpo de Bombeiros, existem recursos humanos devidamente especializados e formados na qualidade de Guarda-Vidas que, de todas as regiões do estado, são convocados e escalados para compor o efetivo operacional anual da Operação Verão no litoral paranaense.

Constitui um desafio para a corporação manter os padrões operacionais e preventivos com um efetivo, que no decorrer dos anos não se tem completado, e em consequência disto exigido uma articulação mais eficiente no que diz respeito às missões afetas aos Guarda-Vidas. Por essas razões, buscou-se analisar os fatores que contribuem para a atividade de Guarda-Vidas durante a temporada de verão, através da análise de dados referentes à principal ferramenta da atividade de proteção balneária, que é o Bombeiro-Militar, Guarda-Vidas, possibilitando externar através de suas experiências na atividade-fim, seus anseios, dificuldades e preocupações quando empenhados nas atividades operacionais e administrativas da Operação Verão e que em muito podem mudar e até mesmo orientar novos estudos para o planejamento dessa nobre missão.

Esse trabalho buscou, no seu Capítulo 2, resgatar a história de como o serviço de Guarda-Vidas iniciou-se no litoral do Estado para que fosse possível entender a evolução necessária dos serviços, em consequência da evolução natural da sociedade como um todo, que busca no litoral, uma das mais sociais formas de entretenimento.

Na intenção de traçar paralelos entre o passado e o presente, evidenciaram-se no Capítulo 3, os meios materiais e humanos bem como os recursos financeiros destinados atualmente para a consecução das missões de proteção balneária, realizada pelo Corpo de Bombeiros, nos seus 99 postos de Guarda-Vidas distribuídos no litoral paranaense.

O presente trabalho monográfico em seu Capítulo 4, procurou através de seus objetivos, geral e específicos, analisar a atividade de Guarda-Vidas na Operação Verão do Estado do Paraná buscando a proposição de um serviço eficiente, no que tange às missões afetas à atividade-fim da corporação, reunindo dados referentes aos recursos humanos existentes, afetos à atividade de proteção balneária focada no litoral do Estado, bem como propiciar ao leitor um entendimento breve das atividades relacionadas com o Guarda-Vidas durante o período de veraneio, bem como fatores que afetam essa atividade.

Buscou-se, através dos Capítulos 5, 6 e 7, mostrar ao leitor como se desenvolvem os serviços de Guarda-Vidas no litoral do Estado, visando proporcionar um breve entendimento dessa nobre atividade de prevenção e salvamento aquático e seus principais meios humanos e materiais para o desenvolvimento das missões afetas ao Corpo de Bombeiros.

O Capítulo 8 estabelece o método de pesquisa de campo adotado, em que buscou-se estabelecer uma amostra de Guarda-Vidas provenientes do Corpo de Bombeiros de Curitiba e região metropolitana, classificando-os de acordo com a idade e o número de participações em Operações Verão, compreendendo aproximadamente 9% do efetivo de Guarda-Vidas existentes no Estado do Paraná.

A análise e discussão dos resultados pode ser verificada no Capítulo 9 do presente trabalho, em que se propicia que a principal ferramenta da atividade de proteção balneária, que é o Guarda-Vidas tenha a oportunidade de estabelecer sua visão da Operação Verão, priorizando fatores relativos a atividades operacionais e administrativas que causam transtornos ou são problemas para o desempenho de suas

atividades e com isto, fornecendo dados essenciais para o futuro planejamento das Operações Verão no litoral paranaense.

A busca de melhoria nos serviços prestados à população e em especial a prevenção e salvamento aquático realizado pelo Corpo de Bombeiros, proporcionarão maior eficiência nos serviços, princípio este inserido na Carta Magna de 1.988 através da Emenda Constitucional número 19 e que deve estar ao lado dos outros princípios que norteiam o poder público em um mesmo nível de importância ou até mesmo em um patamar mais elevado.

Com a experiência profissional adquirida no decorrer do tempo e a participação no planejamento e execução operacional de diversas Operações Verão, o tema escolhido vem como um desafio para transformar os serviços afetos à operação.

2 HISTÓRICO DA ATIVIDADE DE GUARDA-VIDAS NO PARANÁ

O resgate histórico dos serviços de Guarda-Vidas no litoral paranaense foi realizado com base em documentos¹ arquivados e de relatos informais de Bombeiros Militares da reserva remunerada e reformados que contribuíram para a história dos serviços de Guarda-Vidas no Paraná.

2.1 HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA

As atividades do Corpo de Bombeiros em Guaratuba tiveram início no final dos anos 50 quando Bombeiros eram deslocados para o litoral do Estado nos finais de ano, para comporem o efetivo da então Operação Praias, onde os serviços de Guarda-Vidas eram prestados em 03 (três) únicos postos, o Posto do Cristo, o Posto Central e o Posto Prosdócimo.

Não se sabe precisar a data de fundação do 1º Destacamento de Bombeiros de Guaratuba, porém o primeiro documento escrito que se pode apurar foi o livro de ocorrências de 21 de Outubro de 1970, que consta como Comandante do Destacamento o Capitão Cândido Alves de Souza, e tendo como seu Respondente de Dia o 2º Sargento Otávio A. Brocco.

Através de registros de relatos encontrados no Segundo Subgrupamento de Bombeiros Independente de Paranaguá (2º SGBI), os primeiros serviços de Guarda-Vidas datam do ano de 1958, e até o ano de 1964 os integrantes do efetivo da Operação Verão ficavam alojados no Iate Clube de Guaratuba.

Em 1965, o quartel foi transferido para a rua Antônio Rocha, atual endereço, sendo seu Comandante na época o 2º Tenente Amauri Dietrich. Havia uma marcenaria em funcionamento que foi desativada para a instalação do respectivo quartel. No

¹ Arquivo pessoal do Ten-Cel QOBM Jorge Luiz Thaís Martins gravado em mídia magnética, quando estava na função de Comandante do 2º SGBI em Paranaguá.

período compreendido de 1976 a 1979, o destacamento foi transferido para uma edificação localizada em frente ao posto de Guarda-Vidas Barravento, nas proximidades da praia central de Guaratuba, em consequência da construção das novas instalações do quartel, sendo que em 1980 o Corpo de Bombeiros retornou definitivamente para seu endereço, onde permanece até os dias de hoje.

2.2 HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS

As atividades de Corpo de Bombeiros no Município de Matinhos tiveram início em Fevereiro de 1954, com a nomeação de Guarda-Vidas civis, pelo então Governador do Estado Doutor Bento Munhoz da Rocha Neto e pelo Secretário do Interior e Justiça Doutor Renato Valente.

O encarregado de fiscalização dos trabalhos de Guarda-Vidas foi o Sr. Albano Muller, Juiz de Paz de Matinhos, sendo quem providenciava os meios para o bom andamento da atividade, trabalho este que não era remunerado.

Os Postos de Guarda-Vidas acionados na época eram os de Matinhos e Caiobá, sendo o pessoal assim distribuído:

- Em Matinhos: o Sr. João Júlio Viana; o Sr. Florisvaldo da Silva que trabalhou por seis meses e o Sr. Alexandre Leocádio Santana em Agosto de 1954.
- Em Caiobá: em Fevereiro de 1954, o Sr. Máximo Ricardo da Silva; o Sr. Cesário da Silva; o Sr. Francisco Inácio Moreira e o Sr. Orlando Ferreira.

Em decorrência da necessidade do serviço, o Sr. Cesário da Silva foi deslocado para a praia mansa, haja vista o fluxo de banhistas que para ali se deslocavam. Os Srs. Francisco Inácio Moreira e Orlando Ferreira, trabalharam poucos meses e pediram demissão.

O pessoal civil trabalhou por aproximadamente seis anos, quando por volta de 1960 e 1961 apresentaram-se o Sargento Nelson Cordeiro, o Cabo Florzico e o Soldado Otacílio, Bombeiros-Militares que haviam feito curso de Guarda-Vidas no

Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Estes Bombeiros ficaram hospedados no hotel São José, na temporada de 1960/1961.

Já nos verões dos anos de 1962/1963 e 1963/1964, o Corpo de Bombeiros começou a realizar o serviço de Guarda-Vidas durante a temporada de verão, não mais deixando o litoral desguarnecido. A partir de 1964, um efetivo destacado em Matinhos permaneceu para o serviço de Guarda-Vidas, sem possuir um aquartelamento específico, morando em suas residências.

A primeira temporada foi comandada pelo então Tenente Almir Moreira e teve como integrantes, entre outros, os seguintes militares: Subtenente Alceu Gonçalves; o Sargento Aldonir Célio Soares; o Sargento Nelson Cordeiro; o Sargento Muniz da Rosa Cardoso; o Cabo Vicente Carvalho; o Soldado Idevaldo de Paula Cunha; o Soldado Izaul de Camargo; o Soldado Leonel dos Santos Vaz e o Soldado Pedro Pacheco.

O pessoal ficou alojado na escola municipal, atualmente Câmara Municipal de Matinhos.

O serviço de Guarda-Vidas tomou maior corpo com a construção do posto de guarda-vidas número Sete, obra realizada pela Prefeitura Municipal de Paranaguá e pelo Corpo de Bombeiros da PMPR, que foi inaugurado em 30 de Dezembro de 1966. Nesta época, os militares destacados, ficaram residindo em suas residências, exceto dois soldados: Luiz Carlos Micalhoski e Francisco de Souza, que após a temporada 1965/1966 ficaram destacados em Caiobá, no Hotel Caiobá, com despesas de alojamento e alimentação pagas pelos dirigentes do próprio hotel.

Na temporada do ano de 1966/1967, foi criado o Posto SESC e desativado o posto Caiobá, ficando os dois militares alojados no SESC e prestando serviços de Guarda-Vidas.

Os dados acima foram registrados através de informações de pessoal mais antigo e principalmente dos Guarda-Vidas civis que foram os pioneiros no serviço de salvamento aquático.

2.3 HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO MUNICÍPIO DE PONTAL DO PARANÁ

O Corpo de Bombeiros de Pontal do Paraná foi implantado no ano de 1986, no Governo Municipal de Paranaguá de Waldir Salmon, sendo Comandante do 2º Subgrupamento de Incêndio em Paranaguá, o então Cap. QOBM Ivaldo Marchesi, com a denominação de Quartel Tenente Clodomiro dos Santos².

Instalado no Balneário de Santa Terezinha, Distrito de Pontal do Sul, tinha como finalidade prover de Guarda-Vidas as praias locais, durante o período de verão nas Operações, desde o Balneário de Monções até Ponta do Poço, inclusive Ilha do Mel. Fora da temporada de verão, respondia pelo quartel o Sub-Tenente Arlindo Teodoro e uma guarnição de serviço composta por quatro Guarda-Vidas.

No ano de 1996, com a emancipação do Distrito de Pontal do Sul, passou a denominar-se Município de Pontal do Paraná.

² Homenagem ao Comandante da 2ª Subseção de Combate a Incêndio de Guaratuba, que falecera em trágico acidente automobilístico na PR – 412, trecho Paranaguá – Praia de Leste.

3 OPERAÇÃO VERÃO NA ATUALIDADE

De modo a dar uma visão geral sobre as ações desenvolvidas pelo Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado do Paraná, na atualidade, versarei a seguir sobre alguns dados relevantes ao desempenho da missão de guarda-vidas, no Litoral do Estado.

3.1 EFETIVO EMPENHADO

Para o desempenho da atividade de guarda-vidas durante as férias de verão em nosso litoral, o Corpo de Bombeiros realiza uma força-tarefa composta pela mobilização de seu efetivo demonstrada no quadro a seguir:

QUADRO 01 – EFETIVO EMPENHADO OPERAÇÃO VERÃO- 2003/04

LITORAL						
FUNÇÕES	SUBÁREA					SOMA
	I	II	III	IV	V	
Guarda-vidas	136	132	108	12	8	396
Outras funções operacionais	33	38	33	52	11	167
Efetivo Administrativo	11	20	11	04	01	47
Total BM	180	190	152	68	20	610
Guarda-Vidas Civil	38	38	38	-	-	114
Total Geral	218	228	190	68	20	724

FONTE: 1ª Seção EM-CCB - 2004

3.2 EMBARCAÇÕES EMPREGADAS

O desempenho da atividade de guarda-vidas recebe o apoio contínuo de meios de transporte aquáticos, pertencentes ao 2º Subgrupamento de Bombeiros (Paranaguá), destinados ao patrulhamento da orla marítima e do uso em atividades de busca a embarcações (náufragos) e vítimas de acidentes em meio líquido

(afogamentos). A operação ainda conta com o apoio da Delegacia Regional pertencente à Capitania dos Portos, para a realização de atividades que envolvam busca e salvamento de embarcações e vidas, que se encontrem fora dos limites da orla marítima. Os meios pertencentes a Unidade do Corpo de Bombeiros, são descritos no quadro a seguir:

QUADRO 02 – EMBARCAÇÕES EMPREGADAS OPERAÇÃO VERÃO- 2003/04.

LITORAL*						
TIPO DE EMBARCAÇÃO	SUBÁREA					TOTAL
	I	II	III	IV	V	
Lancha de Fibra		02 - LBS	01 – LBS	01 - LBS		04 – LBS
Barco Inflável	02 - BI	03 - BI	02 - BI	01 - BI	01 - BI	09 – BI
Motoaquática	02 – MA	02 – MA	02 – MA	02 – MA		08 - MA

FONTE: 4ª Seção EM-CCB - 2004

3.3 VIATURAS OPERACIONAIS E ADMINISTRATIVAS

O apoio terrestre às atividades operacionais e administrativas no desempenho da atividade de guarda-vidas se dá mediante ao uso de viaturas pertencentes às demais Unidades Operacionais do Corpo de Bombeiros distribuídas no Estado, que são durante as operações verão cedidas a título de empréstimo, à Unidade do 2º Subgrupamento de Bombeiros (Paranaguá), ficando a mesma responsável pelas suas manutenção e conservação até o término da Operação Verão, segundo o quadro a seguir:

**QUADRO 03 – VIATURAS OPERACIONAIS E ADMINISTRATIVAS
OPERAÇÃO VERÃO-2003/04**

LITORAL						
TIPO DE VEÍCULO	SUBÁREA					TOTAL
	I	II	III	IV	V	
Viaturas de Combate a Incêndio e Salvamento	01 - ABT	02 - ABT	03 - ABT 01 - AR	04 - ABT 01 - AR	01 - ABT	11 - ABT 02 - AR
Ônibus para transporte de Guarda-Vidas.	02 - ATC	04 - ATC	02 - ATC			08 - ATC
Caminhonete para transporte de Guarda-vidas e emergência.	02 - ABS 01 - ASA	03 - ABS	02 - ABS	02 - ABS	01 - ATP	09 - ABS 01 - ATP 01 - ASA
Motocicleta para o serviço de Ronda.	03 - M	03 - M	03 - M	03 - M	-	12 - M
Viatura Leve Administrativa	02 - ATP	04 - ATP	02 - ATP 01 - ATM	02 - ATP	01 - ATP	11 - ATP 01 - ATM
Caminhão Baú		01 - ATM				01 - ATM
Ambulância	02 - AA	02 - AA	02 - AA	01 - AA	01 - AA	08 - AA

FONTE: 4ª Seção EM-CCB - 2004

3.4 NUMERO DE POSTOS ATIVADOS DURANTE A OPERAÇÃO 2003/04

O litoral paranaense compreendido entre a Ponta da Pita localizado no município de Antonina e a localidade de Barra do Saí, divisa com o estado de Santa Catarina, encontra-se dividida em 05 (cinco) subáreas, subdivididas em 99 (noventa e nove) postos de guarda-vidas, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 04 – SUBÁREA X POSTOS DE GUARDA-VIDAS OPERAÇÃO VERÃO- 2003/04

SUBÁREA	LOCALIDADE	Nº DE POSTOS
SUBÁREA I	Pontal do Paraná	33
SUBÁREA II	Matinhos	33
SUBÁREA III	Guaratuba	27
SUBÁREA IV	Paranaguá – Ilha do Mel	3
SUBÁREA V	Morretes - Antonina	3
TOTAL		99

FONTE: 3ª Seção EM-CCB - 2004

3.5 RECURSOS FINANCEIROS DESTINADOS À OPERAÇÃO

Para o desempenho das atividades operacionais e administrativas durante o decorrer da operação verão, faz-se necessário um aporte financeiro de grande monta, sendo tais recursos previstos em dotação orçamentária própria, descritos no quadro a seguir:

QUADRO 05 – RECURSOS FINANCEIROS OPERAÇÃO VERÃO- 2003/04

ESPECIFICAÇÃO	R\$
Alimentação	417.470,00
Combustíveis	102.510,00
Materiais consumo	187.050,00
Materiais de expediente	9.575,90
Materiais de limpeza	29.565,00
Passagens terrestres	50.000,00
Manutenção da frota	60.000,00
Outros serviços de terceiros	14.000,00
Seguro guarda-vidas civil	3.420,00
Indenização de representação militar	1.034.022,20
Ressarcimento com pessoal civil	44.118,00
Uniforme pessoal civil	15.200,00
TOTAL	1.966.931,10

FONTE: DAFIN – Divisão de Administração e Finanças -CCB - 2004

4 OBJETIVOS

Mediante a experiência própria como profissional bombeiro-militar, e relatos dos participantes das operações verão, buscou-se identificar a existência de pontos primordiais que, ao longo dos anos, vem afetando de forma negativa o desempenho das missões dos Guarda-vidas.

Embora muito se diga sobre tais dificuldades, muito pouco há de concreto sobre seus motivos ou ainda sobre soluções sobre o problema, ora evidenciado.

Tal estudo monográfico tem como objetivo a constatação científica da ocorrência de tais fatores avessos ao desempenho das missões inerentes ao trabalho do guarda-vidas, visando em seu final, indicar aos profissionais de planejamento as áreas de maior incidência desses problemas, pelo ponto de vista do profissional Guarda-Vidas responsável pela execução da atividade.

4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a atividade de Guarda-Vidas na Operação Verão do Estado do Paraná buscando a proposição de um serviço eficiente, no que tange às missões afetas à atividade-fim da corporação.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Resgatar a história, através de documentos de como eram realizadas as atividades de Guarda-Vidas no Estado do Paraná.

Reunir dados referentes aos recursos humanos de Guarda-Vidas no Estado do Paraná, para demonstrar a realidade do efetivo existente e suas características.

Elencar e comentar os diversos tipos de técnicas e meios empregados que visam a proteção balneária e o salvamento aquático no litoral paranaense.

5 CONHECENDO A ATIVIDADE DO GUARDA-VIDAS

De modo a permitir uma real visualização sobre a atividade desempenhada pelo bombeiro-militar exercendo a função específica de Guarda-vidas no litoral do Estado do Paraná, tornam-se imprescindíveis os conhecimentos técnicos de sua missão, visando dirimir dúvidas sobre sua real importância no sucesso da Operação.

5.1. FENÔMENOS MARÍTIMOS

A atividade de Guarda-Vidas é um serviço que exige um elevado preparo técnico-profissional do servidor militar, não somente fisicamente, mas intelectualmente, quando necessita tomar decisões baseadas no seu conhecimento teórico e principalmente calcadas na experiência profissional adquirida com o passar dos anos trabalhando e muitas vezes aprendendo com os próprios erros, infelizmente.

A atividade de salvamento aquático desenvolvida pelo Bombeiro-Militar, que com o curso de especialização chamado comumente no Paraná de Curso de Guarda-Vidas, faz com que seja intitulado como Guarda-Vidas.

Para um perfeito conhecimento da nobre atividade de Guarda-Vidas, faz-se necessário o conhecimento teórico de diversos fatores ambientais, físicos, astronômicos e meteorológicos e outros, que irão direta e indiretamente influenciar nas atividades aquáticas de proteção balneária.

5.1.1. Mar

Marés

Muito antes que a vida surgisse, o mar já se movia ritmicamente numa gigantesca pulsação diária: as marés. Elas começaram assim que o mar se formou.

Logo que a vida começou a emergir do mar para colonizar as praias, ela teve de fixar-se na faixa de domínio das marés. E os primeiros animais que se estabeleceram na borda dos continentes — anêmonas, braquiópodes e vermes — adaptaram-se a este estranho ambiente, onde uma parte do dia é vivida sob a água salgada, e outra a seco, sob o sol e o violento bater das ondas. Mas esse ambiente, ao longo de bilhões de anos, foi tão estável em seu monótono ritmo diário que, enquanto em todo o resto do planeta as espécies se adaptavam e transformavam, a fauna das marés manteve-se imutável.

Uma linha invisível prende a Lua à Terra — a linha da força da atração lunar, principal responsável pelas marés. Linhas parecidas ligam ao mar o Sol, os planetas e as estrelas distantes. E as marés são o resultado da interação de todas estas forças, combinadas à forma das bacias oceânicas. Sendo a Lua mais próxima, ela é também a que produz maior influência nas marés. Se a influência dos planetas sobre as marés é sensível, a das estrelas não pode ser medida, tão reduzidos são seus efeitos.

A explicação atual das marés pode assim ser resumida:

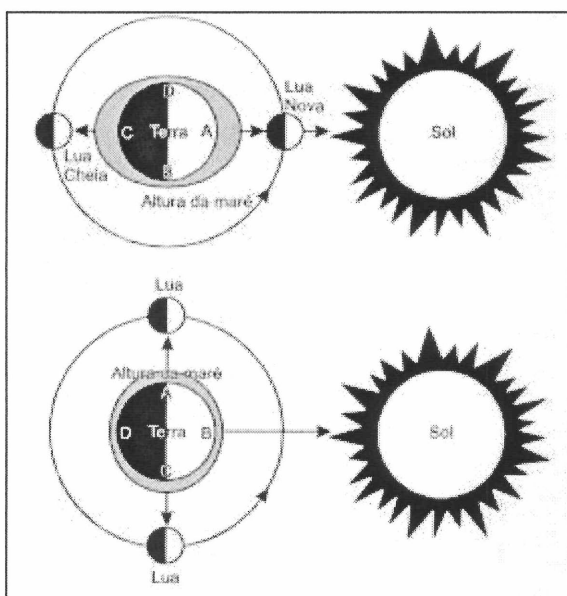
- A força de gravidade mantém a Terra e a Lua girando, esta em torno daquela. A Terra atrai a Lua e a Lua atrai a Terra.
- A face da Terra que se encontra em certo momento voltada para a Lua sofre uma atração maior que a face oposta. A Lua “puxa” para si a superfície terrestre nessa área. A água, sendo líquida, deforma-se muito mais que a crosta sólida. Por isso o mar sobe nesse ponto, produzindo a maré. Passada a Lua, a água volta a descer.
- Assim, o rotação da Lua em torno da Terra é acompanhado por uma onda gigantesca que se origina principalmente no oceano Austral (em volta da Antártida) e se encaminha pelos outros oceanos, seguindo de perto a passagem da Lua.

No lado contrário, aquele onde a presença da Lua fez a água repuxar-se em sua direção, a força centrífuga faz com que a água, ao mesmo tempo, suba em direção

oposta. Temos assim duas zonas da Terra onde, simultaneamente, a água está acumulada. São as regiões de maré alta. Nos lugares onde a água foi retirada, temos a maré baixa. Duas vezes ao dia a mesma região da Terra passa por estes dois pontos de acumulação, havendo assim duas marés diárias: são as marés normais ou semidiurnas.

Se a Lua e o Sol se encontram do mesmo lado da Terra, e em linha reta com ela, ou seja, em conjunção (lua nova), suas forças de atração se somam e temos marés excepcionalmente altas. Uma maré muito forte aparece também quando a Terra se encontra entre os dois, em linha reta, ou seja, em oposição (lua cheia), então os dois casos são chamados “**marés de sizígia**”³ e atingem seus máximos nos equinócios⁴, isto é quando o Sol se encontra passando pelo plano do equador, e mais próximo à Terra. São as grandes marés equinociais. As “marés de sizígia” são chamadas popularmente “marés vivas”, ou, mais comumente, marés “de lua cheia” ou “de lua nova”.

Assim que a Lua e o Sol deixam de formar um eixo reto com a Terra, as marés vão diminuindo gradualmente de amplitude, e a ação do Sol e a da Lua, ao invés de se somarem, neutralizam-se cada vez mais, até atingir o máximo de neutralização



quando se encontram em ângulo reto de 90 graus com a Terra. Essas marés muito baixas são chamadas “mortas”, ou — como correspondem as fases da Lua — “mares minguantes”. O ciclo de marés vivas e mortas repete-se a cada quinzena.

FIGURA 01 – INFLUÊNCIA DO SOL E DA LUA NAS MARÉS

FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná – (2000).

³ Marés de sizígia: sizígia em grego significa conjunção.

⁴ Equinócio: quando o Sol se encontra passando pelo plano do equador.

O comportamento das marés complica-se muito devido a fatores locais: recortes da costa, força e constância dos ventos, presença de desembocadura de rios. O fenômeno da maré que cresce despropositadamente, por causa da força favorável do vento, é conhecido pelos navegantes. Nem todos sabem, porém, porque a poucos quilômetros de distância uma maré é grande e outra pequena, como na baía de Fundy (na Inglaterra). A explicação reside no fato de que a forma do fundo marinho, mais inclinado ou mais brusco, pode aumentar ou diminuir a fricção da massa de água em movimento com enormes diferenças na variação de nível.

Da mesma maneira, uma foz de rio com grande volume de água opõe ao fluxo da maré seu próprio fluxo, atrapalhando a subida da maré (fenômeno presente no rio Amazonas).

O aumento e a diminuição das águas, ou seja, a altura da maré, é a medida a partir de um nível de referência arbitrado, que, no caso do Brasil, é o nível médio das baixa-marés de sizígia. Esse nível torna precária a navegabilidade em determinados lugares, devido à ocorrência de baixas lâminas de água.

Não devemos confundir altura em relação ao nível médio das marés, pois o nível médio das marés é a altura de água existente desde o fundo até a superfície das águas, em um determinado instante.

Podemos destacar as seguintes terminologias:

- Maré de enchente é o movimento ascendente das águas;
- Maré de vazante é o movimento descendente das águas;
- Preamar é o limite máximo do movimento ascendente das águas da maré de enchente;
- Baixa-mar é o limite mínimo do movimento descendente das águas da maré de vazante;
- Estofa da maré é o hiato entre o término da maré de enchente e o início da maré de vazante, ou vice-versa;
- Amplitude ou altura da maré é a variação do nível das águas entre a

preamar e a baixa-mar;

- Maré de sizígia, maré viva, maré de lua cheia ou maré de lua nova é a maré que ocorre quando a Lua, a Terra e o Sol encontram-se alinhados;
- Maré morta, maré de quadratura, maré minguante é a maré que ocorre quando a lua e o sol estão em uma posição tal que os colocam em ângulo reto com a Terra.

5.1.1.2 Correntes Marinhas

Os maiores cursos da água do mundo não são os rios que circulam nos continentes, mas os que existem mar adentro — as correntes marinhas. O mais famoso desses “rios salgados”, a Corrente do Golfo, é mil vezes mais caudaloso que o Mississipi em sua foz. Com milhares de quilômetros de comprimento e algumas dezenas de quilômetros de largura, tais correntes se deslocam através das águas do mar, cortando-as sem se misturarem. Possuem temperatura e salinidade próprias e com frequência suas margens estão bem delineadas, pela coloração, pela superfície agitada ou pela neblina.

Existem correntes de profundidade (circulação vertical) e correntes superficiais (circulação horizontal). As primeiras são determinadas pela descida das águas mais frias (portanto mais pesadas) e a ascensão das mais quentes (mais leves). As camadas geladas dos mares polares descem ao fundo dos oceanos (onde a temperatura é mais elevada) e as águas temperadas dos trópicos fluem lentamente para os pólos. As correntes superficiais tem três origens:

5.1.1.3 Correntes de impulsão

Provocadas pelos ventos ou pela diferença de temperatura e densidade das águas, como por exemplo: a variação da salinidade — água muito salgada pesa mais e tende a afundar — os ventos sopram, numa direção, deslocam as águas e dão origem

às correntes.

5.1.1.4 Correntes de descarga

São causadas pela diferença de nível entre oceanos e mares, têm, nessa diferença, o fator que determina o escoamento dos pontos mais altos para os mais baixos. Tais correntes atravessam os estreitos que comunicam os oceanos com os mares continentais de águas mais salgadas — caso do Mediterrâneo em Gibraltar; ou, ao contrário, relativamente pouco salgadas — caso do Báltico, nos estreitos dinamarqueses. Este tipo de corrente fica bem evidente no caso do Canal de Guaratuba/Matinhos quando da diferença das marés.

5.1.1.5 Correntes de compensação

Surgem atrás das correntes de impulsão, preenchendo o espaço deixado pela massa de água deslocada.

Outros fatores que interferem na formação de correntes marinhas: a rotação da Terra, que modifica a ação dos ventos, provocando o desvio das correntes para a direita, no hemisfério norte, e para a esquerda, no hemisfério sul; a forma das bacias oceânicas; as massas continentais, que desviam as correntes, barrando o fluxo das águas. As correntes, indo de encontro a essas massas, sofrem uma espécie de reflexão e se dividem. Os ramos assim formados dependem do ângulo sob o qual o obstáculo é abordado. Quando o espaço é limitado, as águas tendem a voltar ao ponto de partida, formando “circuitos turbilhonares”.

Os movimentos das águas possibilitam a vida nos mares. São eles que permitem a condução de oxigênio para as zonas mais profundas e a distribuição uniforme dos sais e outros minerais na água. São poucos os mares cujas águas não têm circulação, sendo que o Mar Negro é um deles e por esse motivo, acumulam-se ali tantas substâncias tóxicas que se torna impossível a vida dos peixes.

5.1.1.6 Correntes marinhas locais

É uma forte corrente abaixo da superfície das águas que se desloca em direção ao mar depois da passagem da onda. Ela só ocorre após a arrebentação.

5.1.1.7 Buracos e Correntes

Onde há buracos e correntes, as ondas, devido à profundidade, não quebram, dando a falsa impressão de águas calmas. As correntes podem ser paralelas ou transversais à praia.

5.1.1.8 Correntes paralelas

As correntes paralelas tendem a ser mais fortes em praias com cavas acentuadas e também em dias de vento e ondas fortes. Geralmente estão presentes no valão.

5.1.1.9 Correntes transversais

Também chamadas correntes de retorno, rips, canais ou "puxadas" fluem da beira da praia para trás da arrebentação, onde acabam. Alguns Guarda-Vidas confundem erroneamente as correntes de retorno ou puxadas com os alagamares.

5.1.2.0 Buracos ou alagamares

Os buracos ou alagamares são irregularidades do fundo da praia e são perigosos porque aumentam subitamente a profundidade e intensificam correntes. Ventos muito fortes e constantes favorecem seu aparecimento. (FACIMAR/UNIVALI, 1996). Os alagamares (buracos) podem estar combinados com as correntes de retorno.

5.1.2.1 Arrebentação

É a linha de precipitação das ondas na praia ou arrecifes. Ao aproximar-se da costa, as ondas quebram na zona de arrebentação, gerando grande turbulência e correntes na águas. Em praias rasas, pouco inclinadas, as ondas começam a quebrar a uma grande distância da linha d'água, como que deslizando sobre a água, motivo pelo qual são chamadas de deslizantes. Em praias intermediárias, de inclinação moderada, as ondas quebram como um caixote, muito próximas da linha d'água, formando um tubo que abruptamente fecha-se, gerando grande turbulência. (FACIMAR/UNIVALI, 1996).

5.1.2.2 Valas e Valões

A vala é o fenômeno causado por um fluxo de água através de um canal escavado na areia, perpendicular à praia, pela força das ondas em seu retorno. A vala pode ser facilmente visualizada devido a sua tonalidade mais escura. Esta característica é exatamente devido à maior profundidade nesse local. A sua força termina, normalmente de 5 a 50 metros após a linha de rebentação.

O acúmulo de areia nas laterais da vala forma bancos de areia, que são conhecidos também por “baixios ou coroa”. Nestas áreas é maior a força da água no sentido mar para a terra. O Guarda-Vidas utiliza as valas para entrar no mar e os baixios para sair dele.

Junto aos costões de pedras há correnteza devido ao movimento da água no sentido da praia para o mar.

Um outro tipo de corrente é aquela formada pelos valões⁵.

Os baixios, valas e valões são movimentados pelas ondas. Existem praias com características próprias, em que estes movimentos não ocorrem, sendo fixos os

⁵ Valões: O valão é também um canal escavado na areia pela força das ondas, formado paralelamente à praia. O valão é extenso e desemboca em duas ou mais valas. Os valões normalmente são limitados pelos baixios ou pelos costões.

locais das valas, valões e baixios. Nessas praias, o fundo é formado por arrecifes ou por lajes de pedras, podendo ocorrer, ainda, a formação pela presença de ilhotas.

5.1.3 Praias

Os perigos associados a uma praia apresentam-se de maneiras diferentes. Alguns são permanentes, ou seja, nunca mudam de lugar, e uma vez conhecidos, podem ser facilmente evitados. Outros são bastante variáveis e exigem do banhista mais cuidados e atenção para que sejam identificados.

A observação das praias facilmente leva à conclusão de que possuem características diferentes entre si, determinadas pelas ondas que chegam à costa e pelo tamanho dos grãos que as formam. De um modo geral, é possível agrupá-las em três tipos de que, por sua vez, possuirão características e riscos diferentes.

5.1.3.1 Praia Rasa ou Dissipativa⁶

Normalmente é formada por areia fina e a profundidade aumenta lentamente, a medida em que o banhista se afasta da costa. Por causa desta inclinação muito suave, as ondas começam a quebrar relativamente longe da beira da praia, de modo deslizante. Os principais riscos deste tipo de praia estão associados à arrebentação, que costuma ser muito longa, e a presença de correntes paralelas à praia ou transversais.

5.1.3.2 Praia de Tombo⁷

É quase sempre formada por areia grossa e a profundidade aumenta abruptamente, após uns poucos passos em direção ao mar. Este tipo de praia tem um

⁶ Praia rasa ou dissipativa: A arrebentação extensa destas praias faz com que a profundidade de um mesmo local varie muito. Por isso o banhista não deve ultrapassar profundidades superiores à altura de sua cintura, principalmente se as ondas estiverem muito altas.

⁷ Nestas praias a profundidade aumenta muito rápido. Mantenha-se próximo da beira da água. O forte varrido da onda pode derrubar crianças e idosos, que merecem cuidado redobrado.

perfil bastante inclinado e muitas vezes as ondas nem quebram ao chegar a costa. Os principais perigos deste tipo de praia estão relacionados ao forte varrido da onda na beira da praia e ao aumento rápido da profundidade.

5.1.3.3 Praia Intermediária⁸

Este tipo de praia pode ser identificado como uma combinação de características de praias rasas e de tombo. Isto é, embora o perfil tenha uma inclinação notável, as ondas quebram quando chegam à praia, formando um tubo que se fecha violentamente (arrebentação tubular) a pequenas distâncias da beira d'água. Praias intermediárias possuem um relevo de fundo bastante variável, com bancos e cavas, onde desenvolvem-se rips e buracos, os principais perigos deste tipo de praia. Cuidado especial deve ser tomado com a arrebentação violenta destas praias, que torna crianças e idosos especialmente suscetíveis.

5.1.4 Ondas

São movimentos oscilatórios da superfície marítima e oceânica. As ondas ou vagas têm sua principal origem nos ventos. O ar movimentando-se pressiona a superfície do mar, gerando, em consequência, um abaixamento ao qual corresponde uma elevação à frente, assim surge a onda. As ondas podem, ainda, ser ocasionadas por erupções vulcânicas no fundo dos oceanos e maremotos decorrentes de furacões.

Distinguimos nas ondas os seguintes pontos característicos: crista, ventre e período.

⁸ Praia intermediária: Como as correntes são mais fortes nas cavas e a profundidade maior, o banhista não deve tomar banho nestas regiões. Notando arrebentações tubulares violentas e nas proximidades da linha d'água, cuidado, o impacto que elas causam é forte e facilmente pode derrubar uma pessoa. (FACIMAR/UNIVALI, 1996).

5.1.4.1 Crista

É a parte superior da onda.

5.1.4.2 Ventre

É a parte inferior da onda, que permanece dentro da massa d'água.

5.1.4.3 Período

É o espaço de tempo compreendido entre as cristas de uma onda e outra que a sucede.

As ondas (vagas) se “curvam” quando se aproximam de uma costa irregular devido às diferenças de profundidade. A energia das ondas se concentra nos cabos e se dilui nas baías.

Quando a onda chega às águas pouco profundas começa a sua fricção contra o fundo. Então a parte profunda se atrasa, enquanto a camada superficial continua na mesma velocidade. A crista da onda fica por fim sem apoio e se precipita: é a rompante, vindo em consequência disso a arrebentação e posteriormente, o movimento de fluxo e refluxo.

Há duas espécies de ondas ou vagas:

- as forçadas ou de ventos
- as raz de maré⁹

As ondas forçadas ou de ventos são movimentos oscilatórios produzidos pelo vento na superfície do mar. As ondas decorrentes de ventos fortes atingem de 12 a 15 metros de altura. O comprimento das vagas, ou seja, a medida tomada de crista a crista, no oceano, corresponde de 25 a 30 vezes a sua altura.

As ondas também são conhecidas por caixote ou deslizantes.

⁹ Raz de maré: As ondas de raz de maré são ocasionadas pelos tremores de terra e abalos do fundo do mar. A raz de maré acompanha os maremotos. (CB/RJ, 1986).

As ondas do tipo caixote oferecem um impacto muito forte a quem as recebe e, mesmo ocorrendo na beira da água, são perigosas principalmente para crianças e idosos. Banhistas desavisados também podem ser surpreendidos pela violência do impacto e serem derrubados.

As ondas deslizantes, aumentam a periculosidade quanto mais altas forem. (FACIMAR/UNIVALI 1996).

5.1.5 Vagalhões

São ondas de grande volume, e que ocorrem quando o vento sopra com violência, sobretudo em mar fechado, baía ou golfo. Os vagalhões, ao castigarem rudemente as rochas da costa, dão lugar às ressacas.

5.1.6 Marulhos

Em determinadas zonas de mar, as águas podem apresentar-se aparentemente tranqüilas e imóveis. Todavia, existe um movimento quase imperceptível ao qual se dá o nome de marulho, esse movimento em águas de alto mar se propaga por toda a massa líquida.

5.1.7 Turbilhão

É um movimento que ocorre quando uma maré vazante se opõe e passa por baixo de uma maré enchente, é identificado por uma linha de marola de água turbilhonada.

5.1.8 Zona de águas profundas

No mar, a profundidade da água é sempre um perigo, pois ao perder o apoio dos pés, passamos a depender apenas da natação e ficamos muito mais expostos à ação

das ondas e correntes, sendo facilmente dominados por elas. Situações de emergência em águas profundas tornam tudo mais difícil: desde reagir e chamar por socorro até a chegada do Guarda-Vidas.

5.1.9 Obstáculos

Qualquer obstáculo presente na praia, seja um molhe, píer, destroço, rocha submersa ou recife, representa um alvo contra o qual podemos nos chocar e ferir. A ação das ondas nas proximidades destes obstáculos escava buracos e forma correntes mais fortes, em direção ao mar, tornando estas áreas mais perigosas. São especialmente perigosos os destroços de embarcações, restos de trapiches e rochas submersas que nem sempre são visíveis na superfície da água.

6 ATIVIDADES DESEMPENHADAS PARA A PROTEÇÃO BALNEÁRIA

6.1 SALVAMENTO AQUÁTICO

É uma atividade desenvolvida pelo Bombeiro Militar, Guarda-Vidas, no meio líquido, visando a retirada da vítima para a preservação e manutenção da vida.

O Guarda-Vidas não está nas praias somente para salvar vidas, mas principalmente para guardá-las, atuando continuamente na prevenção, não deixando que o salvamento ocorra. Também é sabido que existem situações inevitáveis, porém, quando se trabalha orientando, ou mesmo advertindo o banhista, ele evita o risco de perder a vítima em um salvamento, ou mesmo perder a própria vida.

A segurança nas ações de salvamento aquático depende de vários fatores. O primeiro deles, naturalmente, é a capacidade de nadar suficientemente bem para poder cuidar de si mesmo em circunstâncias normais. A perfeita segurança na água também depende da capacidade de reconhecer e evitar situações perigosas na água.

Saber salvar outras pessoas em risco de afogamento, demonstrando capacidade de preservar sua própria vida, não é um trabalho fácil. As três principais causas de afogamento são:

- a incapacidade de reconhecer condições e práticas perigosas;
- não saber sair de situações perigosas, e;
- a falta de conhecimento de técnicas adequadas para ajudar pessoas que precisem de socorro na água.

Atualmente o Corpo de Bombeiros do Paraná direciona suas instruções e treinamentos no sentido de incentivar seus Guarda-Vidas a trabalharem com o conceito de prevenção, pois evitando a situação da ocorrência do salvamento aquático ele estará preservando sua própria vida e atuando de maneira eficiente.

O trabalho com a prevenção é de tal importância que modernamente no Paraná, analisa-se a eficiência do Guarda-Vidas pela sua capacidade de evitar o

salvamento, ou seja, somar seus esforços para que se trabalhe voltado para a prevenção.

6.1.1 Fases do Salvamento

Para o Guarda-Vidas realizar um salvamento adequadamente, é necessário que, além de estar bem preparado fisicamente, tecnicamente e psicologicamente, conheça as fases do salvamento e procure executá-las corretamente.

As fases de um salvamento se desencadeiam iguais para todos os tipos de salvamento, entretanto, dependendo dos meios empregados para sua realização, elas tornam-se diferentes em cada forma, ou às vezes, não chegam a se completar por não haver necessidade.

- Aviso ou observação;
- Deslocamento e aproximação;
- Abordagem;
- Reboque;
- Transporte;
- Reanimação.

6.1.1.2 Aviso ou Observação

É a visualização da vítima pelo Guarda-Vidas de serviço no posto, ou por solicitação de banhistas, ou chamado por meios de comunicação, estes normalmente para apoio a pessoal já empregado, ou para lugares desprovidos do serviço de Guarda-Vidas.

6.1.1.3 Deslocamento e Aproximação

É o deslocamento do Guarda-Vidas do posto ou do quartel, e/ou por outros meios (embarcação, aeronave, etc.) até a vítima. Nesta fase, é muito importante que,

uma vez tido contato visual com a vítima, este deverá ser mantido o máximo possível até que se passe para a próxima fase. No caso mais difícil de se manter este contato visual, que é no mar, o nado a ser adotado deve ser o *crawl*, com a cabeça fora d'água, ou pelo menos fazendo a respiração à frente. É nesta fase também que o Guarda-Vidas calça as nadadeiras quando o nível da água estiver um pouco acima da cintura.

6.1.1.4 Abordagem

É o contato do Guarda-Vidas diretamente, ou por outros meios de salvamento, com a vítima. A forma de se fazer a abordagem dependerá dos meios que estão sendo utilizados, dos equipamentos empregados, do estado da vítima e do meio onde se realizará o salvamento.

Para melhor esclarecer este assunto, será exemplificado, com algumas situações, a forma mais adequada para fazê-la:

a) No caso de vítimas muito agitadas e apavoradas, e que não se tenha o cinto de salvamento, a melhor forma de fazê-la, sem que seja agarrado pela vítima, é mergulhando (canivete) a uns dois metros da vítima, contornando-a sem perdê-la de vista, emergindo às suas costas, aplicando a pegada da técnica de reboque a ser adotada. Caso se utilize o cinto de salvamento, pode-se a uns dois metros da vítima alcançá-lo para que ela o apanhe, retirando antes a alça que está fixa ao Guarda-Vidas, e, depois de acalmá-la, a alça do cinto volta ser fixa no Guarda-Vidas;

b) Principalmente na arrebentação, quando a vítima se encontra em meio às ondas, não se consegue mergulhar e sair atrás dela. Neste caso, a fim de não perdê-la, deve-se abordá-la diretamente, aplicando em seguida a técnica de reboque;

c) Na abordagem à vítima inconsciente, o Guarda-Vidas deve realizar a avaliação primária¹⁰ e, dependendo das condições que o meio oferecer e do estado da vítima, ele deve começar a reanimação pulmonar ainda na água.

¹⁰ Avaliação Primária: é o procedimento realizado pelo Guarda-Vidas, visando avaliar as funções vitais da vítima. Termo utilizado pelo SIATE / PR.

O Guarda-Vidas nunca poderá usar de violência para se esquivar de vítimas alteradas pelo medo de morrer. No caso do Guarda-Vidas ser agarrado pela vítima, ele deve usar técnicas para se libertar, chamadas de Judô Aquático.

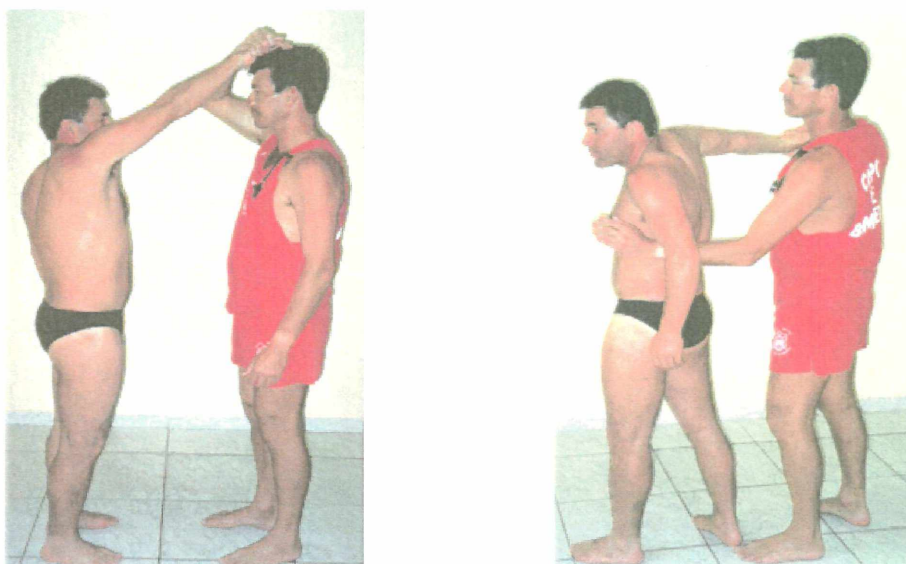
6.2 JUDÔ AQUÁTICO

Em situações em que a vítima alterada agarra-se ao Guarda-Vidas, ele usará de técnicas para se livrar da vítima, controlar a situação, e iniciar o reboque. Devemos entender que o medo de morrer leva a maioria das vítimas ao desespero, e quando o Guarda-Vidas é avistado, a atitude de salvação é de se agarrar nele. Algumas situações possíveis de acontecer no ambiente líquido e as técnicas de judô aquático que se apresentam, como segue:

6.2.1 Vítima Agarra no Cabelo

O Guarda-Vidas deve bater forte com a sua mão sobre as costas da mão da vítima, segurando fortemente e girando a mão da vítima no sentido de fora para dentro, obrigando-a a girar o corpo, ficando de costas, em posição de reboque.

FIGURA 2 – VÍTIMA AGARRA NO CABELO



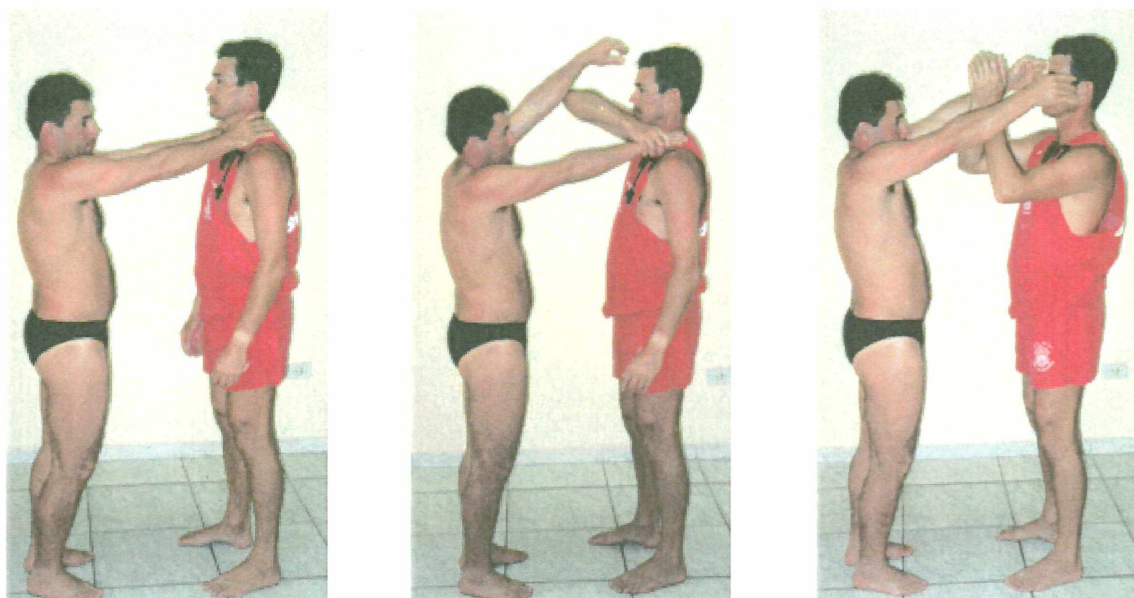
FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.2.2 Vítima Agarra no Pescoço

O Guarda-Vidas coloca seu antebraço entre os antebraços da vítima e, em movimento enérgico, de baixo para cima, a obriga soltar uma das mãos. Ao mesmo tempo segura a mão contrária da vítima pela borda externa, obrigando-a a girar e ficar de costas, na posição de reboque.

Nesta situação, pode ser executado outra manobra que consiste em junto ao peito, com as mãos unidas e espaldas, realizar um movimento de baixo para cima, de forma brusca e enérgica, de maneira a afastar os braços da vítima, fazendo-a soltar-se do GV. Em seguida, deve girar a vítima para tornar a posição de reboque.

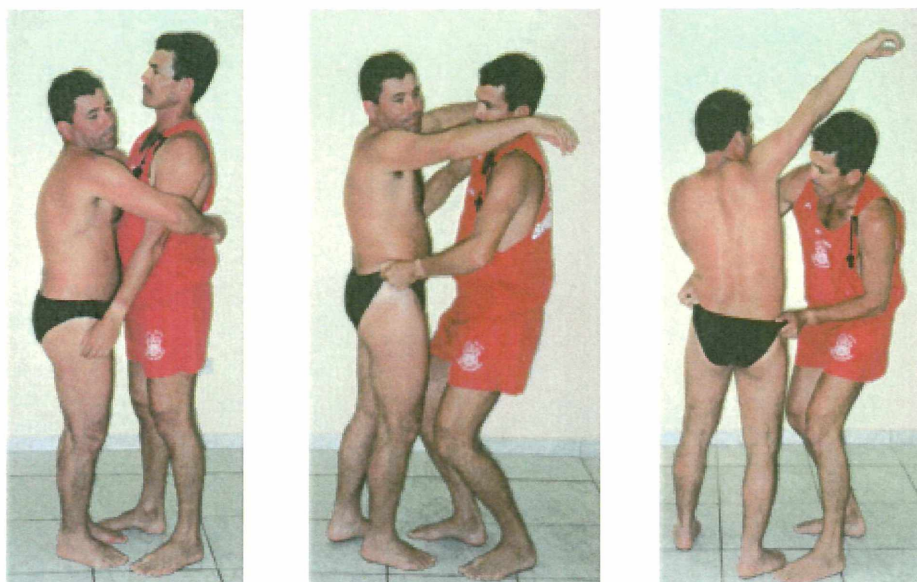
FIGURA 3 – VÍTIMA AGARRA NO PESCOÇO



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.2.3 Vítima Abraça por Cima dos Braços

O Guarda-Vidas segura fortemente com ambas as mãos, na altura dos quadris da vítima, e forçá-la para cima, fazendo-a subir. Em seguida, sem perder o contato, e ainda segurando a vítima pelos quadris, efetuar o giro, de maneira a tê-la de costas para a tomada de posição de reboque.

FIGURA 4 – VÍTIMA AGARRA POR CIMA DOS BRAÇOS

FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.2.4 Vítima Abraça por Baixo dos Braços

Com as mãos livres fica mais fácil para o Guarda-Vidas se desvencilhar da vítima. Ele deve colocar uma das mãos sob a base do nariz da vítima e empurrando-a em sentido contrário, forçando o desvencilhamento pelo desconforto que esta manobra causa à vítima. Uma vez se desvencilhado da vítima, deve girá-la e colocá-la em posição de reboque.

FIGURA 5 – VÍTIMA AGARRA POR BAIXO DOS BRAÇOS

FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.3 REBOQUE

Após abordar a vítima, o Guarda-Vidas iniciará o salvamento, onde será exigido toda sua capacidade física, principalmente se neste momento, não dispuser de outros meios de apoio, como embarcações e aeronave. A fim de oferecer segurança à vítima e ao Guarda-Vidas e economizar esforços durante o deslocamento, são empregadas as técnicas de reboque. Outras técnicas de reboque poderão ser tomadas durante sua realização, pois, dependendo da distância do percurso, uma única posição pode tornar-se incômoda, porém, jamais se pode perder o contato com a vítima. O emprego de uma técnica de reboque não dependerá só do conforto ou da preferência de cada um, mas principalmente do estado em que a vítima se encontra, aliada ao meio e à distância a ser percorrida.

No salvamento em mar, com ondas, ao chegar na área de arrebentação, deve-se sempre estar observando as ondas e, no momento em que uma onda se aproxima, deve-se antes abraçar a vítima, girar, ficando ambos com a cabeça voltada para a onda, a fim de tentar furá-la.

6.3.1 Reboque com Emprego de Nadadeiras

Outro método muito empregado no salvamento de vítimas de acidentes envolvendo o meio líquido é conhecido como “reboque”. Tal técnica visa permitir ao Guarda-vidas um deslocamento rápido e seguro em direção a faixa de areia de modo a poder , se necessário, empregar o uso de “ações de ressuscitação”¹¹.

6.3.1.1 Reboque pelo Tórax da Vítima

Consiste em passar o braço esquerdo ou direito pela axila esquerda ou direita

¹¹ Ações de ressuscitação – desobstrução de vias aéreas, combinada com ações de ventilação e massagem cardíaca.

da vítima, apoiando a mão espalmada sobre o seu peito, colocando-a em posição horizontal, de costas e com apoio no quadril do Guarda-Vidas.

Em consequência desta posição de reboque, a vítima estará dominada, permanecendo com a cabeça fora d'água, fato este que a faz sentir-se mais segura. O Guarda-Vidas deverá tentar iniciar uma conversa com a vítima, demonstrando que ela estará segura e que poderá auxiliá-lo no deslocamento realizando a pernada do nado de costas.

Como o Guarda-Vidas terá um braço e ambas as pernas, nadará lateralmente. A posição de reboque poderá ser tomada também com o braço direito, sob a axila direita, podendo o Guarda-Vidas optar pela posição a que melhor se adaptar durante os treinamentos, pois na ocasião do salvamento terá que estar condicionado à sua posição.

FIGURA 6 – REBOQUE PELO TÓRAX.



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.3.1.2 Reboque *Over Arm*

Reboque fixando-se o braço sob a axila e mão espalmada na nuca da vítima, colocando-a em posição horizontal de costas, com apoio no quadril do Guarda-Vidas. Desta forma se terá um braço e ambas as pernas para nadar lateralmente.

É a maneira mais favorável para se rebocar uma vítima em pânico, pois esta posição praticamente imobiliza um braço da vítima e deixa o outro sem condições de

agarrar o Guarda-Vidas. Pode ser realizado por um ou dois Guarda-Vidas.

FIGURA 7 – REBOQUE PELO TÓRAX.



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.3.1.3 Reboque pelo Queixo

É o mais cômodo e fácil para o Guarda-Vidas, entretanto, somente poderá ser aplicado em vítimas absolutamente calmas e confiantes, como nadadores cansados, por exemplo.

FIGURA 8 – REBOQUE PELO QUEIXO.



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.3.1.4 Reboque pela Axila e Queixo

É o método adequado para rebocar vítimas inconscientes, pois o Guarda-Vidas dará sustentação ao corpo, deixando livre as vias aéreas.

FIGURA 9 – REBOQUE PELO PELA AXILA E QUEIXO.



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.3.1.5 Reboque pelos Cabelos

Este reboque é de fácil aplicação e aprendizagem, pois o braço estendido segura a vítima a uma certa distância, interferindo muito pouco no nado do Guarda-Vidas. É um método pouco utilizado em salvamento, sendo aplicado mais comumente em reboque de cadáveres, pois, no caso de vítimas conscientes, ele não oferece conforto, nem transmite confiança a vítima, e, na hipótese de utilizá-lo em vítima inconsciente, não permite ao Guarda-Vidas controlar vias aéreas.

FIGURA 10 – REBOQUE PELOS CABELOS.



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

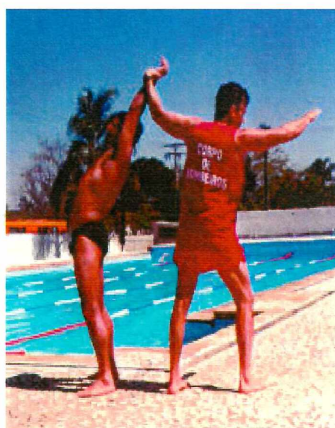
6.3.1.6 Reboque pelo Pulso

Esta técnica poderá ser utilizada em vítimas passivas e é a seqüência natural de uma aproximação pela superfície. Após a vítima ser virada de costas, o braço que esta rebocando deverá manter-se reto ao puxar a vítima, verificando sempre para que sua cabeça esteja fora d'água. Ajustando a maneira do virar o pulso da vítima, seu rosto ficará na superfície.

Se o contato inicial foi na axila ou no queixo da vítima, o Guarda-Vidas deverá posicioná-la dando fortes pernadas enquanto usa um dos braços para colocar o braço correspondente da vítima para trás. Segura o pulso com firmeza na posição correta e inicia o reboque pelo pulso.

Se as condições da água, o tamanho e peso da vítima não favorecerem este método ou se a vítima estiver agitada, o Guarda-Vidas deverá estar preparado para mudar o tipo do reboque.

FIGURA 11 – REBOQUE PELO PULSO.



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.3.1.7 Reboque pela Roupa ou Colarinho.

Esta técnica é similar ao reboque pelos cabelos, exceto na mudança do lugar segurado pelo Guarda-Vidas, passando do cabelo para a camisa ou casaco na altura do ombro.

O gesto para segurar a vítima é feito com a palma da mão para baixo,

deixando folga na roupa de modo a não interferir na respiração da vítima. Esta técnica também não pode ser empregada em vítimas inconscientes, pois não permite o controle das vias aéreas.

6.3.2 Reboque sem o Emprego de Equipamentos.

Poderão ser empregadas todas as técnicas acima demonstradas, portanto, a fim de se ter algum rendimento a pernada deverá ser a em forma de tesoura ou a do nado de peito.

Uma técnica bastante eficaz no reboque sem nadadeira e bastante utilizada pelos Guarda-Vidas, é a de fazer a pegada somente pelo queixo, como já foi demonstrado em figura anterior, e realizar a pernada do nado de peito.

6.3.2.1 Reboque Modificado

Esta técnica somente se aplica a nadador cansado. Ela consiste em rebocar a vítima empregando o nado de peito, procurando obter bom rendimento, estando o Guarda-Vidas sem nadadeiras.

FIGURA 12 – REBOQUE MODIFICADO



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.4 TRANSPORTE

É a retirada da vítima do meio líquido até um local adequado para aplicação dos primeiros socorros, isto se necessário. Quando o Guarda-Vidas chega à parte rasa, não raramente, terá que transportar a vítima para local onde ofereça condições de recuperação. Nessa ocasião, se estiver sozinho e não existir nenhum banhista em condições de ajudar deverá erguer a vítima por entre as axilas e com uma das mãos firmar o queixo da vítima, a fim de proporcionar uma maior abertura das vias aéreas.

Se estiverem em dois Guarda-Vidas, ou alguém que possa ajudar, a vítima deverá ser carregada, sendo erguida por entre as axilas, sendo que uma das mãos deve-se firmar o queixo da vítima, e, por outro ajudante, carregar o peso das pernas segurando um palmo abaixo do joelho.

Normalmente, deverá transportar a vítima para um local à sombra, bem ventilado, e, de preferência, longe do público.

FIGURA 13 – TRANSPORTE DE VÍTIMAS



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

6.5 REANIMAÇÃO

A reanimação pode ser considerada a fase mais importante do Salvamento aquático, pois requer uma ação imediata do Guarda-Vidas. Se o Bombeiro Guarda-Vidas for um exímio nadador, possuidor de um nível elevado de técnicas de salvamento aquático, porém se não conhecer as técnicas de reanimação para um ser

humano, de nada adiantará todo o esforço conjugado de pessoal e material para a consecução do salvamento – a vítima morrerá. Por esta razão o empreendimento em esforços voltados para a instrução constante em técnicas de Ressuscitação Cárdio Pulmonar (RCP), elevará a eficiência dos serviços prestados à população.

Quando a vítima é retirada da água, com comprometimento de seus sinais vitais, devem ser realizados pelos Guarda-Vidas, os procedimentos de primeiros socorros. A reanimação com ventilação, dependendo da necessidade e da possibilidade, poderá ser executada também durante as fases de abordagem e reboque, como por exemplo, na possibilidade da vítima estar somente em parada respiratória.

Um cuidado extremamente importante a ser tomado pelo Guarda-Vidas ao atender uma vítima de afogamento próximo de pedras, em águas rasas ou noutras situações similares, é suspeitar de lesão na coluna e primar pela sua correta imobilização.

7 EQUIPAMENTOS INDIVIDUAIS DE SALVAMENTO AQUÁTICO

Materiais de proteção individual como óculos de sol e protetor solar, também se tornam indispensáveis nas atividades de Guarda-Vidas, pois passam horas expostos ao sol orientando banhistas, além de receber o reflexo do sol na água e na areia.

A seguir, os equipamentos básicos de uso individual que são utilizados pelos Guarda-Vidas atualmente no litoral do estado.

7.1 NADADEIRAS

A utilização de nadadeiras proporciona maior velocidade para o salvamento aquático. Muitas são as preferências por tipos de nadadeiras, porém, o Corpo de Bombeiros do Paraná utiliza como padrão as nadadeiras de alça fixa, pé aberto, lâmina menor, confeccionadas em borracha, preferencialmente flutuantes, pois oferecem bom desempenho, maneabilidade, com pouco risco de perda.

Com o objetivo de facilitar a colocação, diminuir o risco de perdê-las e ganhar tempo no salvamento, as nadadeiras devem ser colocadas como se pode observar na figura a seguir, ou seja, nadadeira esquerda sobre a direita, ambas com as alças passadas pelo punho direito, na posição correta em que ficará no pé, quando da colocação na água. Tal procedimento visa proporcionar velocidade no salvamento sem que o Guarda-Vidas perca a vítima do seu campo visual, pois deverá calçar as nadadeiras sem necessitar olhar para elas. Principalmente nos casos de salvamento na praia onde existe arrebentação de ondas e correntes, o Guarda-Vidas deve estar muito bem treinado para a utilização correta das nadadeiras, haja vista a possibilidade de perder o equipamento, quando surpreendido por uma onda e em consequência, comprometer o salvamento de uma vítima.

FIGURA 14 – PORTE E CONDUÇÃO DAS NADADEIRAS



FONTE: Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros do Paraná.

7.2 CINTO DE SALVAMENTO AQUÁTICO

O cinto de salvamento aquático, conhecido como *Sky-belt* ou *Life-belt*, possibilita ao Guarda-Vidas fixá-lo à vítima, dando a ela uma maior flutuabilidade, facilitando o seu serviço nas fases de abordagem e reboque, garantindo conseqüentemente maior segurança no salvamento.

O cinto de salvamento aquático possui capacidade aproximada para sustentar até 03 (três) vítimas, isto porque cada vítima possui um empuxo natural do próprio corpo que ajuda sobremaneira na flutuação. O utilizado no CB/PMPR constitui-se basicamente de cinco células de flutuação compostas por uma camada permeável de *nylon* costurado, contendo um invólucro fechado impermeável que encerra, como material flutuante, lâminas de poliuretano expandido.

7.3 APITO

Outro equipamento praticamente indispensável para o serviço de Guarda-Vidas é o apito, pois, seja advertindo aos banhistas (silvos intermitentes e curtos) ou solicitando apoio aos Guarda-Vidas de postos vizinho (silvos longos), seria

praticamente impossível realizar estas missões à viva voz.

8 METODOLOGIA EMPREGADA

Visando alcançar o objetivo proposto, utilizou-se de um mecanismo de pesquisa denominado QUESTIONÁRIO AOS GUARDA-VIDAS (ANEXO), visando a identificação da amostra mediante a parâmetros como idade e número de operações verão em que os mesmos prestaram serviço.

Na prática, a partir de uma amostra pode-se fazer inferência tais como propostas de mudanças de comportamento para essa população. Caso houvesse possibilidade de estudar toda a população por meio de um **censo**, não seria necessário ter uma amostra representativa. Neste trabalho, buscou-se avaliar e questionar cerca de **69** (sessenta e nove) bombeiros-militares, (cerca de 9%) do efetivo geral de Guarda-vidas (FONTE: BM/1 – Nov/04), pertencentes ao 1º, 6º e CCB, o que sugere que com os números da presente amostra é possível estimar-se os valores relacionados àquela população.

A amostra da pesquisa obedeceu aos critérios necessários para validação da amostra, sendo eles:

- a) Critérios de inclusão;
- b) Critérios de exclusão;
- c) Técnica de amostragem;
- d) Consentimento livre e esclarecido.

Critério de inclusão – observou-se o critério de seleção para a referida pesquisa a classe identificada como “na ativa”, isto é, somente foram avaliados os bombeiros-militares que, atualmente (2004) prestavam efetivamente serviços à Corporação como Guarda-vidas.

Critério de exclusão – observou-se neste critério de exclusão o fato de o militar já ter preenchido os questionários, não permitindo a existência de duplos testes.

Técnica de amostragem – a seleção se deu por meio de sorteio, isto é, a seleção dos candidatos para preenchimento dos questionários, deu-se de forma independente, não havendo uma intervenção direta sobre a escolha dos avaliados.

Consentimento livre e esclarecido – todos os avaliados receberam instruções sobre a forma de realização dos testes, bem como as suas finalidades institucionais, para a busca de informações para elaboração de trabalho monográfico, cumprindo dessa forma todos os requisitos necessários para validação de uma amostra.

A pesquisa foi realizada por questões objetivas compreendendo uma pergunta aberta e questões do tipo relacionar e enumerar em grau de importância itens relacionados à Operação Verão no litoral paranaense que afetam de forma direta e indireta a execução dos trabalhos de prevenção e salvamento aquático na praia, incluindo itens de caráter administrativo e operacional.

Com o objetivo de angariar dados e informações visando à elaboração da monografia tendo como tema a Atividade do Guarda-Vidas e a Operação Verão no Litoral Paranaense, foram respondidos 69 questionários em um total de 100, não havendo a exigência de identificação do entrevistado.

Os questionários foram encaminhados aos Guarda-Vidas pertencentes ao Comando do Corpo de Bombeiros – CCB, 1º Grupamento de Bombeiros - 1º GB e ao 6º Grupamento de Bombeiros - 6º GB, direcionados também aos Oficiais que já participaram de pelo menos uma vez na Operação Verão no litoral do Estado.

Foram elaboradas cinco questões, sendo quatro questões objetivas em que a pessoa enumera os itens em ordem de prioridade estabelecendo um grau de importância e uma última questão subjetiva a qual será analisada através de palavras chaves e temas comentados por cada participante da pesquisa de campo.

8.1. DADOS CLASSIFICATÓRIOS DA AMOSTRA

Realizada a avaliação dos indivíduos da amostra, constatou-se que a idade da população está representada pela Tabela 01 a seguir:

TABELA 1 – IDADE DA AMOSTRA

Idade da Amostra	Quantidade	Percentual
24 a 30 anos	15	21,74
31 a 35 anos	14	20,29
36 a 40 anos	18	26,09
41 a 45 anos	13	18,84
46 a 50 anos	02	2,90
Não informado	07	2,14
TOTAL	69	100%

FONTE: Pesquisa de Campo- 2004

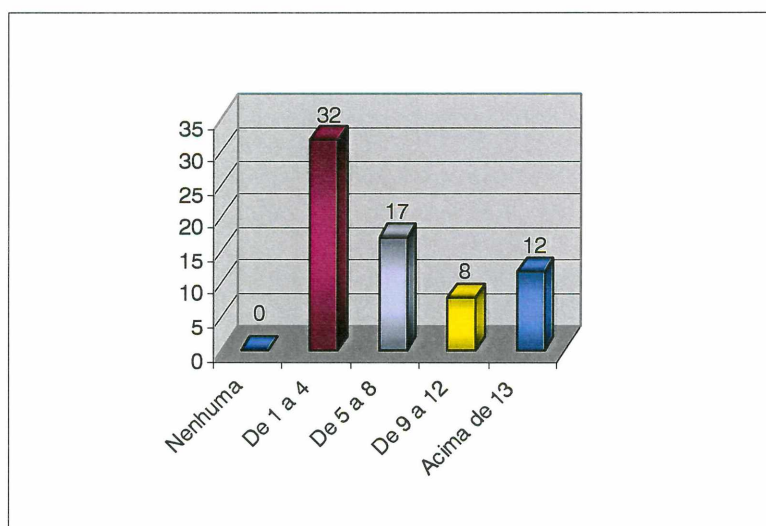
Visando evidenciar que a amostra possui um alto grau de confiabilidade em suas informações, buscou-se constatar também o número de participações de operação verão, sendo os resultados obtidos descritos conforme Tabela 2, a seguir:

TABELA 2 – NUMERO DE PARTICIPAÇÕES

Participações na Operação Verão	Quantidade	Percentual
01 a 04 participações	32	46,38
05 a 08 participações	17	24,64
09 a 12 participações	8	11,59
Acima de 13 participações	12	17,39

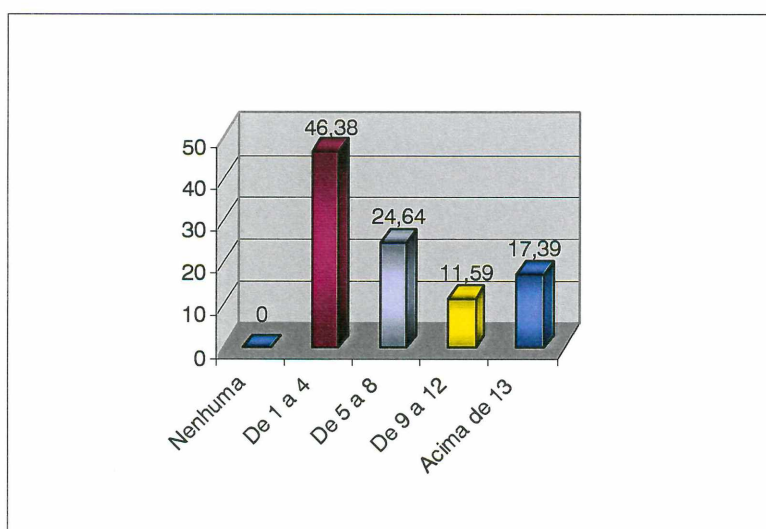
FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES - QUANTIDADE



FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 2 – NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES - PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de campo 2004.

9 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Os gráficos permitem a análise dos itens relacionados nas questões do questionário, mostrando em grau de prioridade para o Guarda-Vidas, os que causam maiores problemas ou transtornos durante a atividade considerada operacional e administrativa na Operação Verão, que ora passam a ser evidenciados:

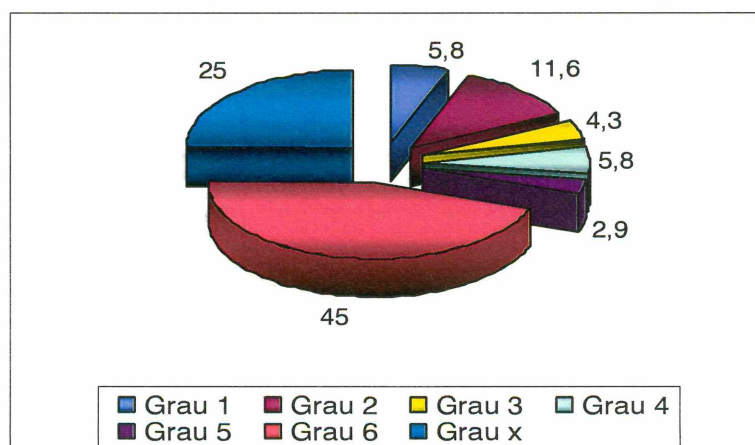
TABELA 3 – EQUIPAMENTOS OPERACIONAIS

Equipamentos Operacionais	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	4	5,8
Grau de importância 2	8	11,6
Grau de importância 3	3	4,3
Grau de importância 4	4	5,8
Grau de importância 5	2	2,9
Grau de importância 6	31	45
Abstenção (x)	17	25
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

O GRÁFICO 3 indica o grau de incômodo ou transtorno que os Guarda-Vidas atribuem durante a atividade operacional na Operação Verão para os equipamentos operacionais (nadadeiras, apitos, cinto de salvamento).

GRÁFICO 3 – EQUIPAMENTOS OPERACIONAIS – PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

Com o objetivo de analisar quais os itens relativos à atividade operacional que os Guarda-Vidas consideraram como problemas ou incômodos durante a Operação Verão, a pesquisa de campo mostrou que 45% dos Guarda-Vidas entrevistados emitiram Grau de prioridade 6 para os equipamentos operacionais, sendo que apenas 5,8% consideraram que os equipamentos operacionais são um problema, atualmente.

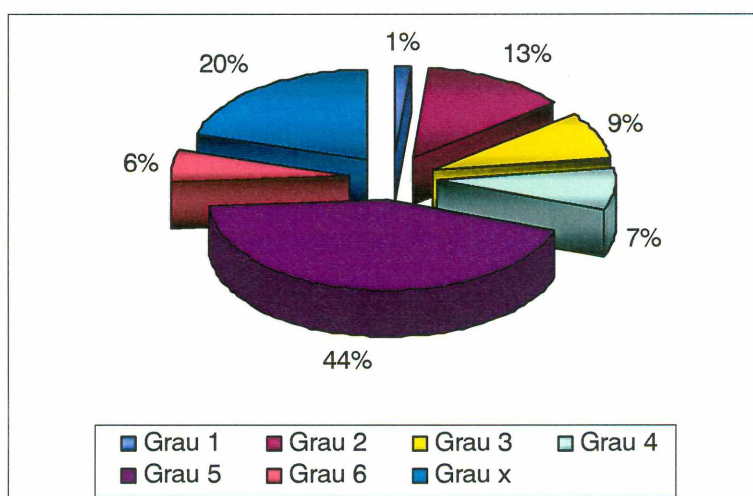
Considerando os dados analisados, verificou-se que 25% dos entrevistados não responderam a este item.

TABELA 4 – UNIFORME

Uniforme	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	1	1
Grau de importância 2	9	13
Grau de importância 3	6	9
Grau de importância 4	5	7
Grau de importância 5	30	43
Grau de importância 6	4	6
Abstenção (x)	14	20
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 4 – UNIFORME



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

O item Uniforme foi considerado por somente 1% dos Guarda-Vidas

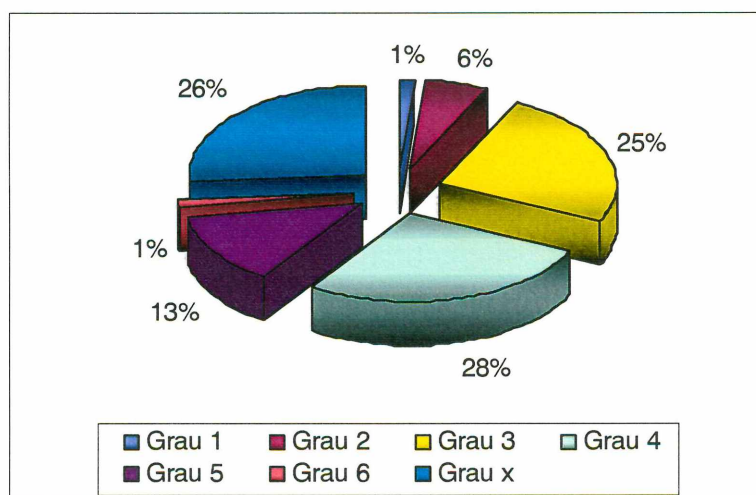
entrevistados, como sendo problema ou transtorno para a atividade operacional. Cerca de 20% da amostra não responderam e 13% demonstraram que consideram o uniforme um problema para a atividade operacional.

TABELA 5 – INSTRUÇÃO OPERACIONAL

Instrução Operacional	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	1	1
Grau de importância 2	4	6
Grau de importância 3	17	25
Grau de importância 4	19	28
Grau de importância 5	9	13
Grau de importância 6	1	1
Abstenção (x)	18	26
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 5 – INSTRUÇÃO OPERACIONAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

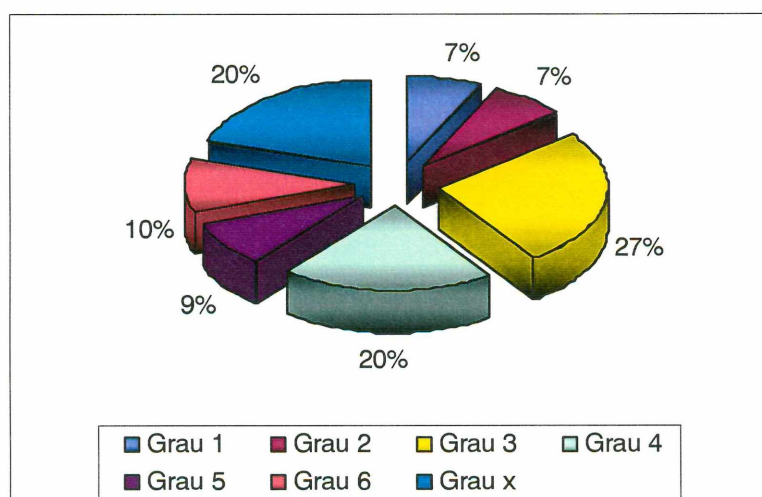
Com relação à Instrução Operacional, a pesquisa mostrou que 26% da amostra não opinaram e que uma faixa de 25% a 28% atribuíram um grau relativo a 3 e 4 respectivamente, demonstrando uma preocupação moderada com a instrução operacional.

TABELA 6 – INSTRUÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Instrução de Educação Física	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	5	7
Grau de importância 2	5	7
Grau de importância 3	18	26
Grau de importância 4	14	20
Grau de importância 5	6	9
Grau de importância 6	7	10
Abstenção (x)	14	20
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 6 – INSTRUÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

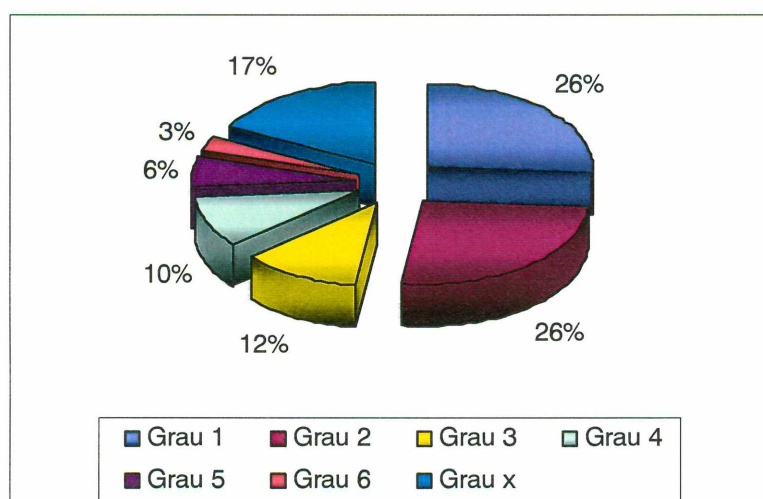
Da análise dos resultados da amostra dos questionários, verifica-se que 10% do efetivo consideram a instrução de Educação Física um transtorno ou incômodo durante a Operação Verão, comparada a outras atividades e fatores operacionais, sendo que 14 Guarda-Vidas não responderam.

TABELA 7 – PROCESSO DE DISTRIBUIÇÃO DE GUARDA-VIDAS NOS POSTOS MAIS DISTANTES

Processo de Distribuição de GVs	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	18	26
Grau de importância 2	18	26
Grau de importância 3	8	12
Grau de importância 4	7	10
Grau de importância 5	4	6
Grau de importância 6	2	3
Abstenção (x)	12	17
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 7 – PROCESSO DE DISTRIBUIÇÃO DE GUARDA-VIDAS NOS POSTOS MAIS DISTANTES, PORCENTAGEM



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

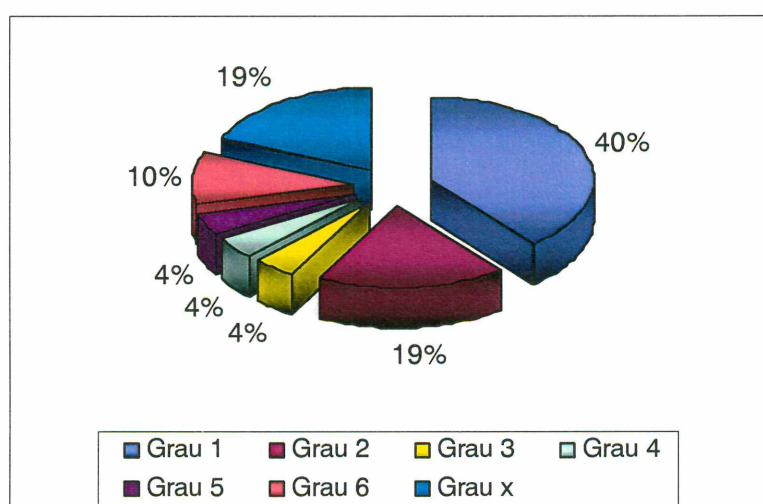
Apenas 3% da amostra não consideraram um transtorno ou incômoda o processo de distribuição de Guarda-Vidas nos postos mais distantes. Da amostra, 26% consideraram como sendo um problema a distribuição de Guarda-Vidas estabelecendo grau 1 e mais 26% considerando como prioridade grau 2 a questão em pauta.

TABELA 8 – ESCALA EM TURNOS DE 7 HORAS DIÁRIAS

Escala de Serviço dos GVs	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	27	39
Grau de importância 2	13	19
Grau de importância 3	3	4
Grau de importância 4	3	4
Grau de importância 5	3	4
Grau de importância 6	7	10
Abstenção (x)	13	19
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 8 – ESCALA EM TURNOS DE 7 HORAS DIÁRIAS, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

A análise da amostra pesquisada demonstra que 40% dos Guarda-Vidas consideram a escala de serviço em turnos de 7 horas um incômodo e problema para a atividade operacional, sendo que 19% não responderam e apenas 10% consideraram sem importância para o desenvolvimento da atividade operacional a escala aventada.

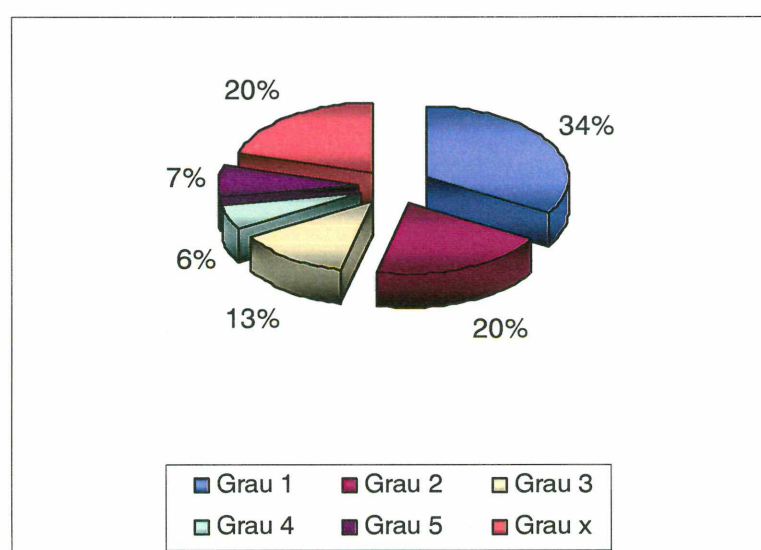
O item 2 da pesquisa de campo mostra o grau de importância para os problemas elencados como administrativos na Operação Verão.

TABELA 9 – ALOJAMENTOS

Alojamentos	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	23	33,3
Grau de importância 2	14	20,3
Grau de importância 3	9	13,0
Grau de importância 4	4	5,8
Grau de importância 5	5	7,2
Abstenção (x)	14	20
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 9 – ALOJAMENTOS, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

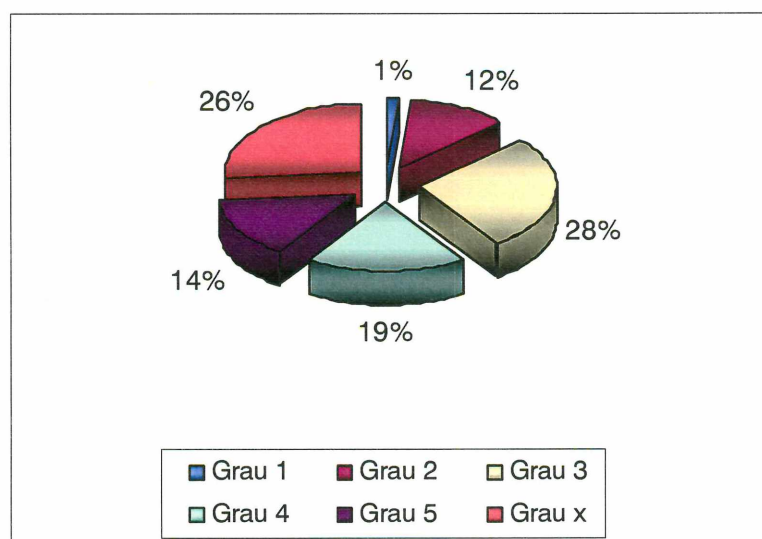
Cerca de 34% dos entrevistados mostraram que o alojamento causa transtorno e dificuldades durante o período da Operação Verão e somente 7% demonstraram ser Grau 5.

TABELA 10 – REFEITÓRIOS

Refeitórios	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	1	1
Grau de importância 2	8	12
Grau de importância 3	19	28
Grau de importância 4	13	19
Grau de importância 5	10	14
Abstenção (x)	18	26
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 10 – REFEITÓRIOS, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

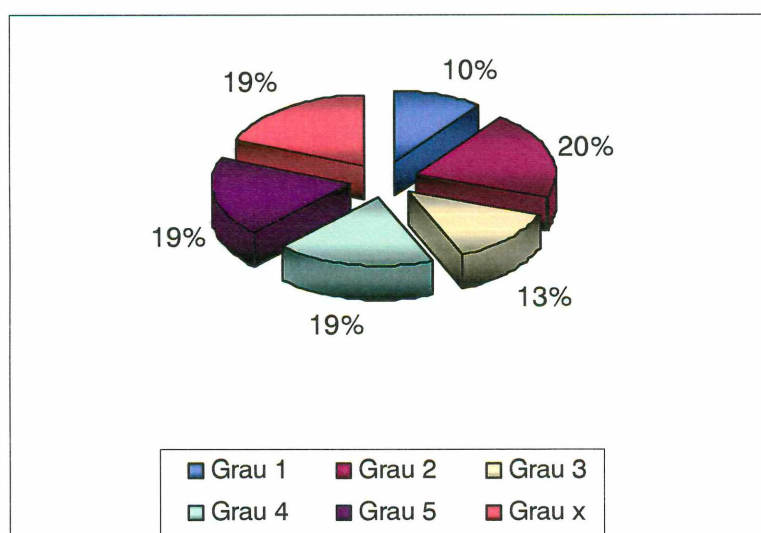
Foi atribuído Grau 1 de prioridade por apenas 1% dos entrevistados; cerca de 26% não souberam responder quando atribuíram Grau x.

TABELA 11 – ALIMENTAÇÃO

Alimentação	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	7	10
Grau de importância 2	14	20
Grau de importância 3	9	13
Grau de importância 4	13	19
Grau de importância 5	13	19
Abstenção (x)	13	19
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 11 – ALIMENTAÇÃO, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

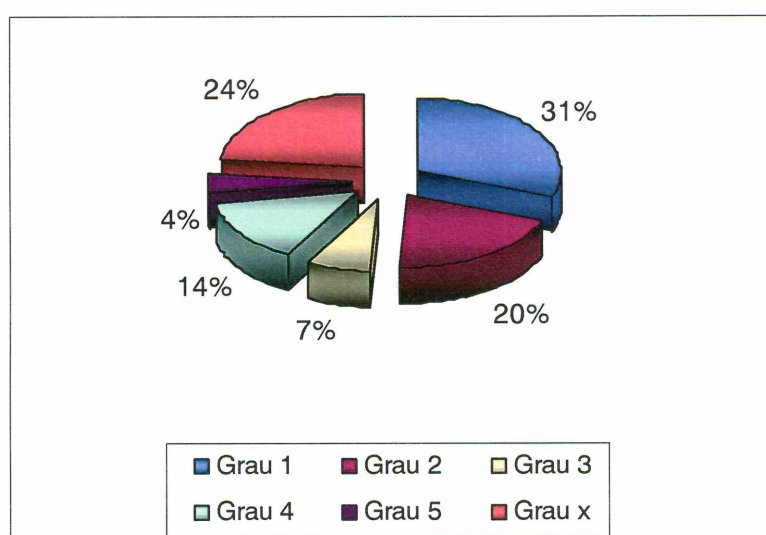
Cerca de 19% da amostra consideraram Grau 1 para a alimentação e 10% consideraram que a alimentação é um problema durante a Operação Verão.

TABELA 12 – INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

Instalações Sanitárias	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	21	30
Grau de importância 2	14	20
Grau de importância 3	5	7
Grau de importância 4	10	14
Grau de importância 5	3	4
Abstenção (x)	16	23
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 12 – INSTALAÇÕES SANITÁRIAS, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

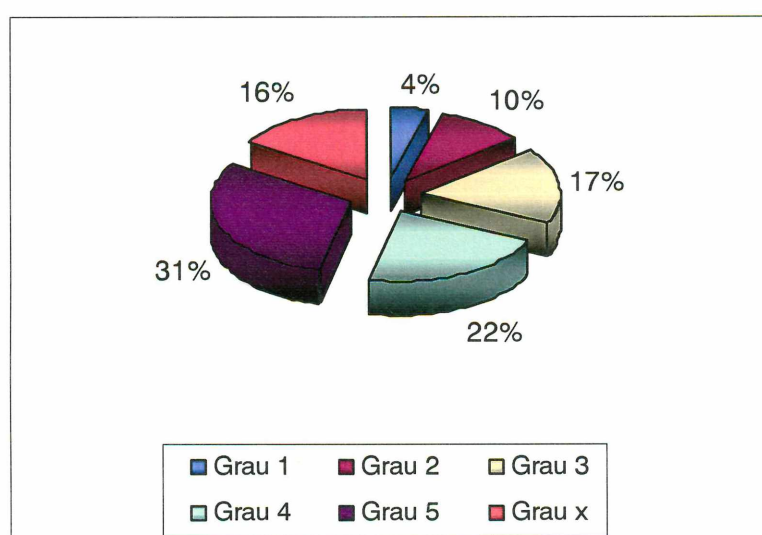
As Instalações Sanitárias foram priorizadas como Grau 1 por 30% ou 21 Guarda-Vidas e somente 4% da amostra demonstraram não ser problema as instalações sanitárias dos quartéis na Operação Verão.

TABELA 13 – TRANSPORTE

Transporte	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	3	4
Grau de importância 2	7	10
Grau de importância 3	12	17
Grau de importância 4	15	22
Grau de importância 5	21	30
Abstenção (x)	11	16
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 13 – TRANSPORTE, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

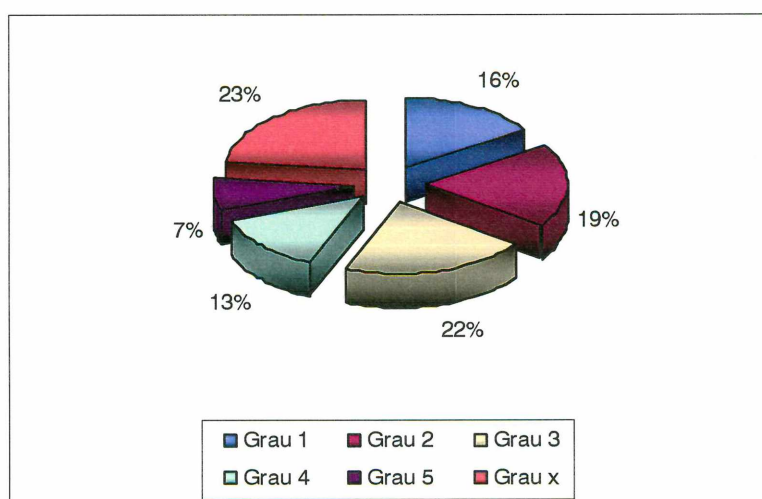
Cerca de 4% da amostra relacionaram como Grau 1 o transporte de Guardavidas e 31% atribuíram Grau 5, sendo que 16% não responderam.

TABELA 14 – MOTO AQUÁTICA COMO APOIO OPERACIONAL

Moto aquática como apoio operacional	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	11	15,9
1Grau de importância 2	13	18,8
Grau de importância 3	15	21,7
Grau de importância 4	9	13,0
Grau de importância 5	5	7,2
Abstenção (x)	16	23,0
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 14 – USO DA MOTO AQUÁTICA – APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

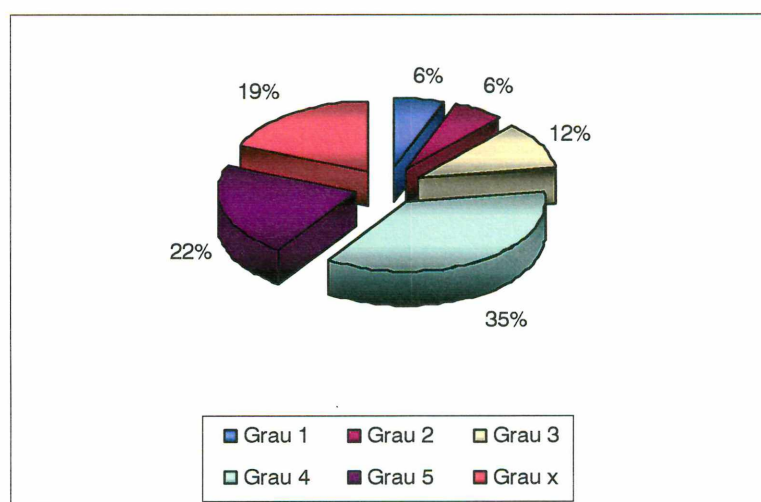
Dos Guarda-Vidas entrevistados, 16% mostraram que a Moto-Aquática possui grau de prioridade 1 para seu apoio operacional, 23% não responderam o que seria fundamental.

TABELA 15 – QUADRICÍCULO COMO APOIO OPERACIONAL

Quadricículo como apoio operacional	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	4	6
Grau de importância 2	4	6
Grau de importância 3	8	12
Grau de importância 4	25	36
Grau de importância 5	15	22
Abstenção (x)	13	19
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 15 – QUADRICÍCULO COMO APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

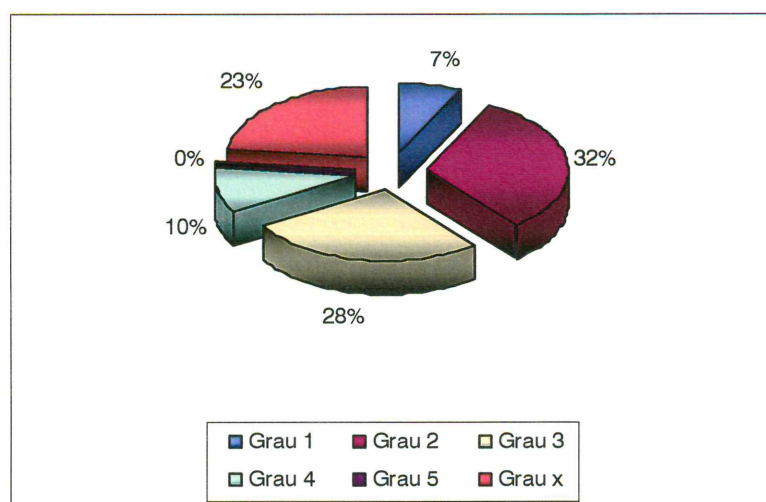
Somente 6% da amostra demonstraram que o quadricículo é fundamental para seu apoio operacional, sendo que 35% propuseram grau de prioridade 4 para o apoio operacional e 16% não responderam.

TABELA 16 – EMBARCAÇÕES COMO APOIO OPERACIONAL

Embarcações como apoio operacional	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	5	7
Grau de importância 2	22	32
Grau de importância 3	19	28
Grau de importância 4	7	10
Grau de importância 5	0	0
Abstenção (x)	16	23
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 16 – EMBARCAÇÕES COMO APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

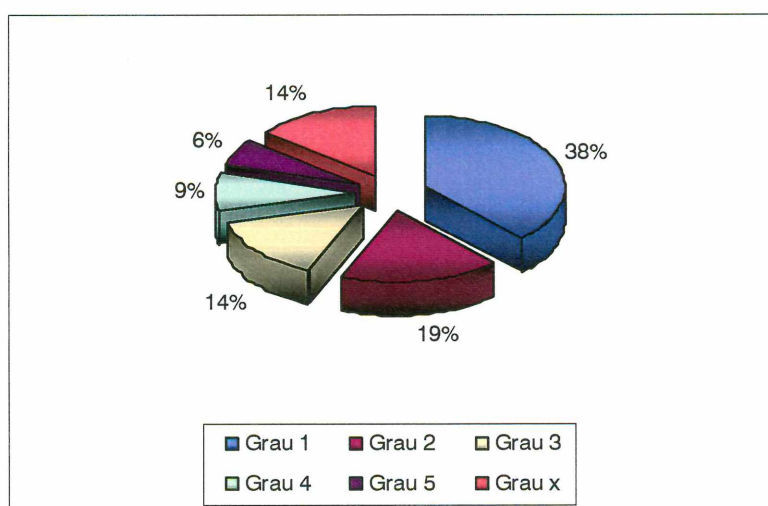
As embarcações foram colocadas como prioridade grau 2 por 32% da amostra e 23% não responderam qual o grau de prioridade para a embarcação ser utilizada como apoio operacional para a atividade de salvamento aquático.

TABELA 17 – HELICÓPTERO COMO APOIO OPERACIONAL

Helicóptero como apoio operacional	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	26	38
Grau de importância 2	13	19
Grau de importância 3	10	14
Grau de importância 4	6	9
Grau de importância 5	4	6
Abstenção (x)	10	14
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 17 – HELICÓPTERO COMO APOIO OPERACIONAL, PERCENTUAL



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

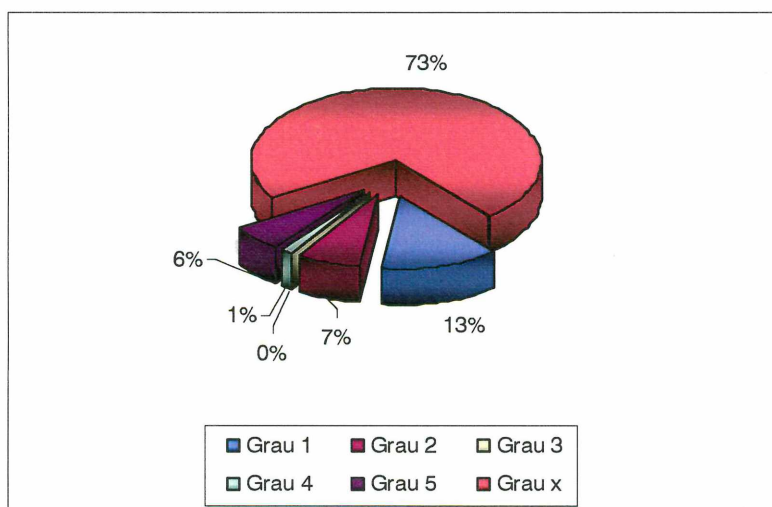
O Helicóptero foi considerado por 38% da amostra, como sendo prioridade de Grau 1, fundamental para o apoio operacional durante o salvamento aquático e 14% não responderam.

TABELA 18 – OUTROS EQUIPAMENTOS COMO APOIO OPERACIONAL

Outros equipamentos como apoio operacional	Quantidade	Percentual
Grau de importância 1	9	13
Grau de importância 2	5	7
Grau de importância 3	0	0
Grau de importância 4	1	1
Grau de importância 5	4	6
Abstenção (x)	50	72
TOTAL	69	100

FONTE: Pesquisa de campo 2004.

GRÁFICO 18 – OUTRO EQUIPAMENTO COMO APOIO OPERACIONAL, PORCENTAGEM



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

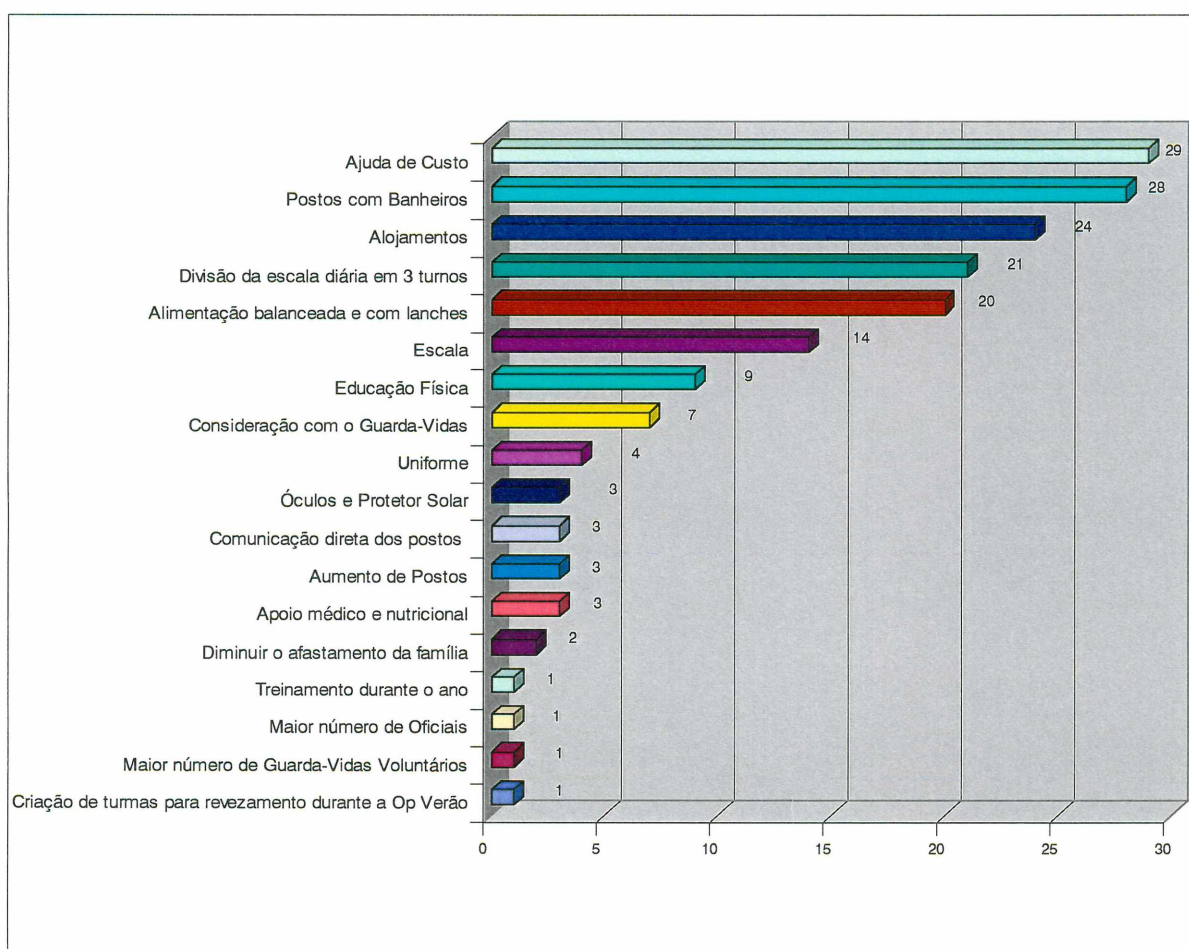
Dos Guarda-Vidas entrevistados, 73% não assinalaram outro equipamento para ser utilizado como apoio operacional durante a atividade de salvamento aquático, sendo que 13% assinalaram como prioridade Grau 1, escreveram como sendo fundamental para o apoio operacional, durante o salvamento aquático, o uso de rádio comunicadores tipo HT – *Hand Talk*, 6% da amostra enumeraram o uso de prancha de *surf* para o apoio operacional.

O restante da amostra elegeram materiais para apoio administrativo e não

operacionais.

O item 5 do questionário estabelece uma pergunta aberta e subjetiva, onde buscou-se através da análise de palavras e sentenças mencionadas nas respostas dos Guarda-Vidas e Oficiais que já participaram de alguma Operação Verão, priorizar ações que podem contribuir para a melhoria da operação conforme verificado no gráfico seguinte:

GRÁFICO 19 – AÇÕES PARA MELHORIA NA OPERAÇÃO VERÃO



FONTE: Pesquisa de Campo 2004

Verificam-se de forma objetiva fatores elencados pelos entrevistados, que podem contribuir para a melhoria da Operação Verão no litoral do Paraná, sendo que 29 vezes foram feitas considerações visando o aumento do valor dos recursos que incorporam os vencimentos mensais dos Guarda-Vidas.

10 CONCLUSÃO

Através da análise dos dados coletados pela pesquisa de campo durante a realização desse trabalho monográfico, objetivando elucidar, através de questionários dirigidos aos bombeiros-militares que desempenham funções de Guarda-vidas, os fatores adversos ao desempenho de suas missões de salvaguarda de vidas em nosso litoral, e ainda, visando proporcionar aos profissionais responsáveis pela área de planejamento da operação verão, melhores indicadores para a gestão dessa atividade, identificando as áreas de maior incidência de problemas relacionados ao cumprimento da missão de atender da melhor forma possível à comunidade, que faz uso de nosso litoral, principalmente no período das férias escolares de final de ano, analisaram-se alguns fatores operacionais e administrativos através da ótica do profissional Guarda-Vidas que é o responsável pela execução dessa atividade.

A referida pesquisa, demonstrou os seguintes resultados:

NA ÁREA OPERACIONAL:

Em relação a equipamentos de uso individual como nadadeiras, apitos e cintos de salvamento, a pesquisa demonstrou que os constantes investimentos realizados no setor, ao longo dos anos, pelo Corpo de Bombeiros, na busca da valorização e melhoria das condições de serviço do Guarda-vidas, vêm surtindo efeitos positivos na tropa. Tal item ocupou a sexta colocação no que se refere a dificuldades no desempenho da missão. Porém há de se ressaltar que a grande queixa registrada pela pesquisa quando da indagação de “qual seria um dos maiores problemas para o desempenho da atividade operacional de Guarda-vidas”, residiu em sua grande maioria, cerca de 40% dos bombeiros-militares entrevistados, na escala de serviço em turnos de 7 horas. Para eles um incômodo.

Tal fato pode ser explicado em razão de que atualmente, os bombeiros-militares que desempenham a atividade em nosso litoral, encontram-se em uma idade

cronológica avançada e conseqüentemente com suas capacidades físicas limitadas para o desempenho dessa missão, conforme se constata através das informações cedidas pela 1ª Seção do Estado-Maior do CCB, que indica que 72,81%, cerca de 557 (quinhentos e cinqüenta e sete) de um total de 765 (setecentos e sessenta e cinco) bombeiros-militares encontram-se entre a faixa etária de 33 a 45 anos, o que nos deixa receosos quanto ao futuro das demais operações verão que hão de vir.

NA ÁREA ADMINISTRATIVA:

Em relação à esfera administrativa, novamente os investimentos realizados à atividade do profissional bombeiro-militar que exerce a função de Guarda-vidas, vêm surtindo resultados favoráveis, fato este constatado com clareza, já que em todos os itens mencionados, alojamentos, refeitórios, alimentação, instalações sanitárias e transporte, obtiveram altos índices de aprovação, por parte da amostra entrevistada.

FATOR FUNDAMENTAL DE APOIO OPERACIONAL:

A pesquisa de campo realizada, também buscou entre outras informações a determinação de qual meio seria o mais apropriado para o efetivo apoio à atividade desempenhada pelo Guarda-vidas durante sua jornada de trabalho.

Acreditava-se que um dos fatores de maior relevância para o bom desempenho da atividade de Guarda-vidas, fosse o fato de que ele necessitaria de apoio terrestre mediante o uso de quadriciclos, no sentido de proporcionar uma maior área de cobertura de faixa de areia e conseqüente aumento da eficácia do serviço. A pesquisa realizada demonstrou que o Guarda-vidas atribui maior grau de importância para o apoio aéreo realizado pelo helicóptero, seguido pelo uso de embarcações de uso operacional como botes e lanchas, vindo em terceiro lugar o uso de motonáuticas.

QUESTÕES ABERTAS

No objeto de pesquisa aplicado, também foi dada a oportunidade para que o bombeiro-militar entrevistado pudesse opinar sobre o que mais, além dos itens estabelecidos, influi sobre o seu desempenho operacional durante a operação verão, sendo que o item de maior importância foi o que denominaram de “ajuda de custo”,

cerca de 29 entrevistados, seguido pelo item de “postos com banheiros” com cerca de 28 opiniões sobre esse fato (outra antiga e sem dúvida merecida reivindicação). Outros fatores em menor número também se apresentaram, tais como o controle da “alimentação de forma mais balanceada” (com certeza na intenção de minimizar os danos causados cada vez maiores por uma ingestão de calorias inadequada e os horários de trabalho).

Ao término desse trabalho, espero ter contribuído para que essa antiga, mas eficiente forma de administração e planejamento, seja adotada com mais frequência em nossa Corporação.

Ouvindo aqueles que de forma direta e indireta, recebem os benefícios de nossas atitudes bem como os agravos oriundos de nossas “omissões”, esperamos proporcionar melhores condições àqueles que todos os anos, deixam suas famílias em segundo plano, pelo fato de terem um dia em suas vidas prestado o compromisso solene de “Vidas alheias e bens a salvar”.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Constituição da República Federativa do. Promulgada em 05 de Outubro de 1.988. Senado Federal, Centro Gráfico, Brasília: 1.999
- CORPO DE BOMBEIROS PMPR – *Manual de Salvamento Aquático do Corpo de Bombeiros da PMPR*. Ed. Única, Curitiba, 2000.
- PALMEIRA, Mirian – *Apostila de Marketing*. Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais - 2004.
- MATTAR, Fauze Najib – *Pesquisa de Marketing*. Pesquisa de Marketing. 2^a ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- Universidade Federal do Paraná, Biblioteca Central. *Normas para Apresentação de Trabalhos*. 2^a Ed., Curitiba, 1992, vol. 2, 6, 7 e 8

ANEXO

QUESTIONÁRIO AOS GUARDA-VIDAS

Questionário para monografia do CAO/04 com o tema relativo a Atividade do Guarda-Vidas e a Operação Verão no Litoral paranaense, encaminhada a Oficiais e Guarda-Vidas pertencentes ao Corpo de Bombeiros do Paraná.

Solicito-vos o preenchimento dos dados abaixo que ajudarão a formulação de minha monografia. Não é necessária a sua identificação. Coloco-me a disposição para esclarecimento de qualquer dúvida.

Oficial Aluno: Orlando ARTUR da Costa, Cap QOBM.

Telefone para contato:96024008.

POSTO / GRADUAÇÃO	IDADE:

1. Dos itens abaixo relacionados quais são os que causam maiores problemas ou transtornos durante a **atividade operacional** na Operação Verão? Para tanto enumere os itens abaixo em grau crescente de 1 (um) – para o maior, até 6 (seis) para o menor.

	Equipamentos operacionais (nadadeiras, apitos, cinto de salvamento)
	Uniforme
	Instrução operacional
	Instrução de Educação Física
	Processo de distribuição de Guarda-Vidas nos Postos mais distantes
	Escala de Serviço em turnos de 7 horas diárias.

2. Dos itens abaixo relacionados quais são os que causam maiores problemas ou transtornos durante a **atividade administrativa** na Operação Verão? Para tanto enumere os itens abaixo em grau crescente de 1 (um) – para o maior, até 5 (cinco) para o menor.

	Alojamentos
	Refeitório
	Alimentação
	Instalações Sanitárias (banheiros, chuveiros)
	Transporte

3. Assinale com um “X”, em quantas Operações Verão já prestou serviço no litoral?

a. Nenhuma:	
b. De 1 a 4	
c. De 5 a 8	
d. De 9 a 12	
e. Acima de 13	

4. Enumere em grau de prioridade de 1 (um) – para o maior, até 5 (cinco) para o menor, o que você considera fundamental para seu apoio operacional durante o salvamento aquático:

	Moto-Aquática
	Quadriciclo
	Embarcações (Inflável / lancha)
	Helicóptero
	Outro. Exemplifique:

5. O que poderia melhorar na Operação Verão:
